

# Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Dezembro de 1976

No. 12

## CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver  
graças à generosa contribuição dos  
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Artur Fouquet - Blumenau  
Georg Traeger - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Felix Hauer - Curitiba  
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.  
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau  
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau  
Malharia Maju S/A. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz - Indústria e Comércio - Blumenau  
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau  
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau

# Blumenau

## em Cadernos

TOMO XVII

DEZEMBRO DE 1976

Nº. 12

### — MAIS UM ANO —

Com o presente número, completa "BLUMENAU EM CADERNOS" seus dezessete anos de vida.

A luta tem sido bastante árdua e, não fora o generoso auxílio que amigos, firmas comerciais e industriais nos têm prestado, difícil seria manter esta publicação, tão do agrado de nossos leitores.

As constantes altas do material gráfico, papel e, principalmente, a mão-de-obra, são obstáculos que somos forçados a vencer, para que não aconteça o que tem acontecido com inúmeras publicações brasileiras que, apesar da grande utilidade, não suportam os constantes aumentos do papel e mão-de-obra.

Muito a contragosto somos forçados a majorar o preço das assinaturas, de Cr\$ 25,00 para Cr\$ 30,00, a fim de podermos equilibrar o nosso orçamento.

Contamos ainda, com a boa vontade de nossos cooperadores que, na certa, não nos faltarão com o seu imprescindível apoio financeiro sem o qual não nos é possível existir.

O número de assinantes tem aumentado gradativamente, o que nos conforta e alenta.

Também o número de gratuitos tem aumentado sensivelmente entre as Academias de Letras, Centros Literários e principalmente Bibliotecas Públicas.

Sendo uma publicação de difusão de Blumenau, não nos podemos furtar ao dever de distribuir gratuitamente, regular número aos que se interessam pela nossa cultura, pela cultura de Santa Catarina.

Não temos recebido auxílio dos poderes públicos; lutamos para manter esta publicação com auxílio de nossos cooperadores, que espontaneamente colaboram, uma vez que o preço de uma assinatura não paga o custo dos doze exemplares.

Todavia, é preciso constatar, que não visamos lucro; o que nos interessa, é manter esta publicação pois sabemos dos grandes benefícios que esparge e da grande aceitação que tem, não só no Brasil mas até fora dele, onde o nome de Blumenau é conhecido como centro de cultura e verdadeiro patriotismo, na difusão do que é nosso.

Permita Deus, que não nos falte o costumeiro auxílio das indústrias, do comércio e pessoas amigas, dos Clubes de serviços, Rotarys e Lions Clubes; só assim poderemos vencer mais um ano que se avizinha cheio de esperanças e fé nos destinos gloriosos do nosso amado Brasil.

A todos, os nossos mais sinceros agradecimentos.

A Redação

---

## O QUE DIZEM DE NÓS

Senhor Redator de Blumenau em Cadernos

Venho por meio desta agradecer a atenção com que tenho recebido os números dessa maravilhosa revista. Todas as seções são ótimas. Gostei imensamente das reportagens sobre os diários (fevereiro, abril e junho de 1976), sobre as armas dos municípios e sobre genealogia, gostaria que continuassem a apresentá-las, pois são muito boas.

Atenciosamente

CHRISTINA DOTTA

São Paulo

### **"BLUMENAU EM CADERNOS"**

Vende-se uma coleção completa de "BLUMENAU EM CADERNOS" encadernada, faltando somente o Tomo IX - Cr\$ 800,00.

Pedido para Caixa Postal, 425 - 89.100 - Blumenau - Santa Catarina

# Conde Alfredo d'Escragnolle Taunay

um grande amigo de Blumenau

FREDERICO KILIAN

Apesar das inúmeras referências feitas a este ilustre homem público, no livro do "Centenário de Blumenau", que por sinal pouca divulgação teve, e hoje se tornou muito raro, achamos oportuno publicar nas páginas de "Blumenau em Cadernos" o que, sobre esta personagem encontramos, em nossas pesquisas de rotina, nas edições de 1882/84 do jornal local "Blumenauer Zeitung" (Vol. I, encadernado, coleção incompleta) no arquivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

O Conde Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, descendente de família francesa, exerceu o cargo de Presidente da Província de Santa Catarina nos anos de 1876/1877 e pelas viagens que nessa qualidade fez aos centros de imigração, veio a conhecer também Blumenau e sua gente, tornando-se grande amigo dos imigrantes e especialmente do elemento colonizador de Blumenau, por reconhecer neles um valioso material humano para o desenvolvimento econômico, social e cultural das zonas coloniais e do próprio Estado de Santa Catarina.

Sobre a sua atuação como representante do Estado de Santa Catarina junto à Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, inúmeras são as notas e referências publicadas no jornal "Blumenauer Zeitung", no período de 1882 a 1884.

Afora outras notícias e relatos a seu respeito publicados em todo este período, o referido jornal, edição de 19 de julho de 1884, publicou um artigo editorial, intitulado "O Apóstolo da Grande Naturalização" do qual extraímos os seguintes conceitos. A "Folha Nova" do Rio de Janeiro, comenta em extenso artigo a atuação do excelente parlamentar Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay e o felicita pelo projeto de sua autoria, referente ao processo da naturalização. Além desse jornal, toda a imprensa liberal do país se manifesta com júbilo ao projeto do Deputado Taunay, que é um digno representante do povo e que durante os quatro anos de seu mandato não esmoreceu em lutar pela idéia concretizada no seu projeto. Sobre o assunto o Dr. Taunay nos escreve, -relata o redator- dizendo que empregou e empregará todos os seus esforços para conseguir a aprovação de seu projeto e que não é sua culpa de não ter sido ainda convertido em lei. Continuará a lutar para que ao emigrante europeu seja dado legalmente a posição e situação política que lhe compete pela sua integração na nação e seus esforços no progresso do país que escolheu para sua nova pátria. Diz ainda textualmente o Dr. Taunay em sua carta: "Si porém ainda há alemães que trabalham contra a minha reeleição, estes cometem uma grande injustiça".

Realmente, -prosegue o articulista- estas são palavras que encerram uma grande verdade. Felizmente são poucos entre o nosso meio que

não reconhecem os méritos desse nosso representante. Quando, em 1880 o Dr. Taunay se candidatou a uma cadeira na Câmara dos Deputados, prometendo defender os interesses do elemento germânico nas zonas coloniais, encontrou ele grande resistência, pois comentava-se que sendo o Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay um descendente francês, como iria justamente ele, cuja pátria de origem poucos anos antes fora derrotada pela Alemanha, pugnar pelos interesses dos imigrantes alemães e seus descendentes. Mas, na verdade, o Dr. Taunay cumpriu, na Câmara dos Deputados, a sua promessa, pois nenhum dos demais deputados, aliás todos os nossos representantes juntos, não fizeram tanto como ele o fez sozinho. Termina o articulista do "Blumenauer Zeitung" num apelo a todos os blumenauenses a demonstrar o seu reconhecimento ao Dr. Taunay, reelegendo-o para o cargo de Deputado à Câmara Federal.

Já em 1882, segundo nota que colhemos do jornal "Blumenauer Zeitung" de 21 de Maio daquele ano, os serviços prestados por este deputado, foram reconhecidos pelos blumenauenses, através dos atos da Sociedade de Ginástica de Blumenau e da Sociedade de Cultura, que lhe concederam o título de sócio honorário.

Justamente a atividade do deputado Taunay, em apoio aos imigrantes aqui já radicados e seus descendentes, foi utilizado por seus adversários, que numa campanha eleitoral sórdida e intrigas políticas, propagavam que o Dr. Taunay era inimigo dos brasileiros, pretendendo tirar as terras dos brasileiros, para dá-las aos alemães, resultando destas intrigas a derrota eleitoral do Dr. Taunay, conforme ele o declarava num manifesto dirigido aos eleitores de Blumenau, no qual agradecia o apoio político que deles sempre teve aqui, manifesto este publicado, por ocasião de sua despedida, no N° 51 do "Blumenauer Zeitung" de 20 de dezembro de 1884.

Não obstante o interesse mostrado pelo Deputado Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, à Colônia de Blumenau e suas constantes lutas parlamentares em defesa dos direitos dos blumenauenses, é de estranhar que até hoje nenhuma rua desta cidade tenha recebido seu nome, em sua homenagem e reconhecimento público dos seus méritos em prol dos interesses desta comuna.

Que estas linhas sirvam também para que, após decorrido um século da era Taunay, se lhe perpetue o seu nome numa das ruas de Blumenau e que anime a uma pena mais autorizada a traçar a biografia do grande amigo de Blumenau.



# GENEALOGIA

JEAN R. RUL

## FAMÍLIA WAGNER

### IV

*Filhos de F2 - (Johann) Peter Wagner (1818-1901) de suas segundas núpcias, com Friedricke Metzner (1846-1927):*

N13 - *Selma Wagner* \*8.12.1863, bat. 24.1.1864 (no assento de seu casamento consta que ela \*28.12.1863) †29.9.1912 Brusque, onde foi sepultada no cemitério evangélico.

A 19.2.1884, ela casou, na PEB, com Carl Wilhelm Renaux (Carlos) \*11.3.1862 Loerrach, Baden, †28.1.1945 Brusque, filho de Johann Ludwig Renaux e de Sophie Ludin.

Carlos Renaux veio ao Brasil em 1882 e, após alguns meses de permanência no Rio de Janeiro, mudou-se para Blumenau, onde trabalhou em Warnow, ocasião em que veio a conhecer sua futura esposa. Alguns anos após o casamento, mudou-se para Brusque para gerenciar a filial da firma Germano Willerding. Mais tarde instalou pequena fábrica de tecidos, que floresceu e progrediu espantosamente. Depois montou a primeira fiação de algodão em Santa Catarina. Estas indústrias, hoje verdadeiro parque industrial, são dirigidas por filho e netos do fundador.

Carlos foi Superintendente de Brusque e fez parte da Primeira Assembléia Constituinte Estadual. Foi um grande benfeitor para Brusque, sendo inúmeras as obras que ali realizou. Durante sua permanência na Alemanha, ele exerceu as funções de Cônsul do Brasil, honra que o Governo Brasileiro lhe conferira em reconhecimento pelos seus bons serviços prestados ao município, ao Estado e ao país. (vide sua biografia em Blumenau em Cadernos, T. I, p. 133).

Nas suas obras filantrópicas, Carlos foi muito ajudado pela sua esposa Selma. Nada poderá ser mais explícito de que a notícia publicada pelo jornal "O Município" de Brusque, nº 521, de 3.12.1965:

"Selma Wagner Renaux, foi muito compreensiva e caridosa, tendo sido uma das inspiradoras da obra humanitária e altruística que o Cônsul Renaux realizou em Brusque. Era conhecida como "a mãe dos pobres".

Pais de: todos \* e bat. em Brusque, com excessão de B53, na PEB, Blumenau.

B50 - Wilhelm Max Renaux \*4.9.1884 †13.9.1884.

B51 - Sophia Renaux \*23.9.1885 †5.5.1956 x Augusto Bauer. Pais de:

T119 - Carlos Renaux Bauer \*2.12.1905 †30.9.1909.

- T120 - Ingeborg Maria Bauer \*24.8.1907 x . . . . Müller Hering. Pais de:  
 Q59 - Avany Müller-Hering \*12.11.1927, casado, com 3 filhos: Ruy \*1947, Margaret \*1950 e Marcos Müller-Hering \*1957.
- T121 - Rodolfo Renaux Bauer \*26.7.1909, casado, pai de:  
 Q60 - Carlos Augusto Bauer \*21.12.1951.  
 Q61 - Liliane Sophia Bauer \*1.12.1953.  
 Q62 - Ruy Rudy Bauer \*4.8.1955.  
 Q63 - Sophia Madalena Bauer
- T122 - João Carlos Renaux Bauer \*26.12.1910, sem descendência.  
 T123 - Curt Renaux Bauer \*10.6.1912 †22.3.1924.  
 T124 - Margit Bauer \*10.10.1916 x Gerhard Louis Wetzel \*14.12.1912 Joinville, filho de Julius Wetzel (1885-1953) e de Erna Walther (\*1889). Pais de:  
 Q64 - Rosemarie Wetzel \*5.6.1937 Joinville x Ernesto H. Meyer \*4.8.1936 Joinville, filho de Eduardo Ernesto Meyer e de Rita Clasen. Pais de Vera Helena \*1960 e Julio Henrique Meyer \*1963 Joinville.  
 Q65 - Roberto Wetzel \*8.10.1941 x 15.1.1965 Karin Bornholdt \*19.5.1949. Pais de Paulo Roberto \*1966 e Jorge André Wetzel \*1972 Joinville.  
 Q66 - Julio Augusto Wetzel \*22.5.1949 x Giselda de Brito \*24.12.1951 São José do Rio Pardo, SP. Pais de Marcelo Wetzel \*1972 Joinville.
- B52 - Maria Renaux \*5.9.1886 x Gustavo Walter Bueckmann \*1.5.1880 †2.8.1974 Brusque. Pais de:  
 T125 - Erich Walter Bueckmann \*4.5.1906 x Heda Bub. Pais de:  
 Q67 - Maria Eugenia Marga Bueckmann \*29.3.1934 x 1955 Mario Metz \*8.7.1930 Joinville, filho de Hermann Metz e de Vera Clasen. Pais de Juliana e Annate Beatriz Metz \*Joinville.  
 Q68 - Karin Bueckmann \*2.5.1939.  
 Q69 - Rolf Dieter Bueckmann \*4.8.1940.  
 Q70 - Walter Bueckmann \*13.1.1952.  
 Q71 - Marlene Bueckmann \*25.1.1955.  
 Q72 - Thomas Bueckmann \*8.9.1959.
- T126 - Hildegard Bueckmann \*12.3.1911 x . . . . Lindgens, sem descendência.
- B53 - Otto Reginald Renaux \*12.8.1887 bat. 10.9.1887 PEB †26.12.1962 Brusque x Augusta Carolina Ida Renaux \*6.6.1886 †24.12.1973, ambos sepultados cemitério evangélico de Brusque. Pais de:  
 T127 - Waldemar Renaux \*30.8.1910 †17.10.1919 no Hospital Santa Isabel em Blumenau.

- T128 - Roland Renaux \*25.10.1911, casado, pai de:  
 Q73 - Astrid Renaux \*22.12. 1940.  
 Q74 - Maria Luiza Renaux \*30.9.1946.
- B54 - Oscar Renaux \*10.3.1889 †23.7.1889.  
 B55 - Carlos Julio Renaux \*16.7.1891.  
 B56 - Carlos Renaux Junior \*16.7.1893 †13.9.1917.  
 B57 - Paulo Renaux \*2.8.1894 †17.10.1947, casado, pai de:
- T129 - Herbert Carlos Renaux \*20.10.1914 x Erna Hoeschl \*13.8.1916  
 †6.10.1969, filha de Ferdinand Hoeschl e de Gertrud Altenburg,  
 neta de Gertrud Wagner (N9). Pais de, no Rio de Janeiro:  
 Q75 - Lygia Renaux \*22.3.1942.  
 Q76 - Iris Renaux \*18.2.1944.
- T130 - Ivo José Renaux \*29.7.1917 †30.7.1949, casado, pai de:  
 Q77 - Sylvia Elena Renaux \*20.1.1944.  
 Q78 - Maria Cristina Renaux \*18.6.1946.  
 Q79 - Viviane Renaux \*18.6.1946, gêmea.
- T131 - Carlos Cid Renaux \*20.11.1920, casado, pai dos gêmeos:  
 Q80 - Gilberto Renaux \*13.8.1943.  
 Q81 - Carlos Renaux Junior \*13.8.1943.
- T132 - Norberto Renaux \*4.6.1933.  
 T133 - Marly Renaux \*25.1.1936 x ..... Willer.
- B58 - Luiz Renaux \*28.7.1895, casado, pai de:  
 T134 - Adalberto Renaux \*28.11.1920, casado, pai de:  
 Q82 - Arnaldo Renaux \*19.2.1948.  
 Q83 - Luiz Carlos Renaux \*6.5.1950.  
 Q84 - Paulo Renaux \*15.6.1954.  
 Q85 - Dagmar Renaux \*13.5.1957.
- T135 - Gilda Renaux \*10.10.1923 x ..... Wanderley. Pais de:  
 Q86 - Sônia Renaux Wanderley \*2.8.1948.  
 Q87 - Luiz Renaux Wanderley \*13.1.1950.  
 Q88 - Lêda Renaux Wanderley \*5.7.1951.  
 Q89 - Léa Renaux Wanderley \*5.7.1956.
- B59 - Guilherme Renaux (Willy) \*2.11.1896 Brusque x Sibille Alma Paula  
 Melkop \*26.10.1897 Brueggen, Renânia, †24.3.1972. Pais de:  
 T136 - Ingo Arlindo Renaux \*8.9.1925, casado, pai de:  
 Q90 - Juliano Carlos Renaux \*28.1.1951.

- Q91 - Marina Inês Renaux \*12.12.1952.  
 Q92 - Marcos Americo Renaux \*15.11.1954.
- T137 - Ilka Renaux \*12.10.1926 x . . . . . Niemeyer. Pais de:  
 Q93 - Alvaro Tomas Niemeyer \*19.4.1948.  
 Q94 - Mônica Elisabeth Niemeyer \*13.11.1949.  
 Q95 - Oscar Martin Niemeyer \*11.11.1950.  
 Q96 - Ernesto Helmuth Niemeyer \*13.12.1952.  
 Q97 - Paulo Mathias Niemeyer \*13.7.1956.  
 Q98 - Conrado Marcelo Niemeyer \*10.4.1960.
- T138 - Ruth Yvonne Renaux \*26.12.1927 Brusque x 26.9.1960 Victor Felix Deeke \*8.12.1911 Ibirama, viúvo, filho de José Deeke (1875-1931) e de Emma Maria Rischbieter (1885-1950). Pais de:  
 Q99 - Vânia Deeke \*22.11.1961 São Paulo.
- T139 - Gabriele Renaux \*6.3.1937.
- B60 - Selma Renaux \*23.7.1898 x . . . . . Gommersbach. Pais de:  
 T140 - Karl Egon Wilhelm Gommersbach \*3.3.1921.  
 T141 - Gerd Albert Walter Gommersbach \*5.12.1932.
- N14 - *Thekla Wagner* \*17.3.1865, gêmea com Rosa (N15). Casou 6.1.1885 com Oscar Ebert \*23.4.1856 Halle †7.4.1936 Warnow, filho de Ferdinand Ebert e de Emilie n. Willner. Oscar veio ao Brasil com seus pais em 1858, depois de percorrer vários Estados - estiveram até na Argentina- acabou o pai se instalando com açougue em Warnow. Quando Oscar faleceu em 1936, ele deixou 4 filhos, 16 netos e 1 bisneto, porém conhecemos o nome de apenas um deles e ignoramos a data de falecimento de Thekla.
- B61 - Udo Ebert \*15.7.1887 reside em Warnow, 89 anos de idade, casado, com filhos.
- N15 - *Rosa Wagner* \*17.3.1865, gêmea de Thekla (N14). Casou 2.9.1884 com Carl Paupitz \*22.2.1860, proprietário de serraria no Encano. filho de Julio Paupitz e de Amalia n. Hoeschl. Julio Paupitz veio para Blumenau em 1851 e era portanto um dos mais antigos imigrantes desta colônia. Pais de:  
 B62 - Maria Paupitz \*dezembro 1885 †25.3.1891, 5 anos e 9 meses.  
 B63 - Walter Julius Peter Paupitz \*8.8.1888.  
 B64 - Erich Paupitz \*8.10.1889.  
 B65 - Hermann Paupitz \*27.11.1890.  
 B66 - Amalia Paupitz \*27.10.1892.  
 B67 - Alwin Paupitz \*19.12.1894.  
 Faltam maiores informações sobre o casal e estes cinco filhos.
- N16 - *Luis Wagner* \*17.2.1867, gêmeo com Alwin (N17) †5.4.1867, com 48 dias.

- N17 - *Alwin Wagner* \*17.2.1867, gêmeo com Luis (N16). Deixou Blumenau para uma destinação ignorada.
- N18 - *Friedrich Carl Wagner* (Carlos) \*28.1.1869 †5.10.1916 foi sepultado no cemitério do bairro da Fortaleza. onde residia. Casou 11.10.1899 com *Anna Theresa Barth* \*22.8.1877 †9.11.1912 também sepultada na Fortaleza, filha de *Christian Barth* e de *Catharina n. Müller*. *Anna* faleceu do parto de sua quarta criança. Pais de:
- B68 - *Olga Theresa Wagner* \*8.8.1901 †7.1.1949 Brusque, sepultada no cemitério evangélico daquela cidade. X 15.6.1929 com *Germano Ristow*, de Brusque.
- B69 - *Ottília Wagner* \*27.12.1905.
- B70 - *Hellmuth Wagner* \*4.3.1908 x 27.1.1929 com *Bertha Roepcke*, residem em Indaial.
- B71 - *Anna Agnes Wagner* \*9.11.1912 †29.3.1913.
- N19 - *Leopold Wagner* \*27.1.1872. Parece ter se mudado para Pelotas e ignora-se se tem descendência.
- N20 - *Theodor Wagner* \*2.9.1873 †1928 Buenos Aires. Residia no "Vorstadt" e mais tarde em Brusque. Casou 1.9.1906 Brusque com *Madalena Wilhelmina Mohr* \*1.2.1879 Brusque †16.7.1952 São Paulo, filha de *Antônio* e *Suzana Mohr*. Pais de:
- B72 - *Walter Theodor Wagner* \*16.7.1907, solteiro, reside em Brusque.
- B73 - *Rudolf Wagner* \*21.11.1908, casou e saiu de Brusque, sendo desconhecida sua descendência e local de residência.
- B74 - *Arnold Anton Wagner* \*16.4.1910, gêmeo com *Arthur* (B75), casado, reside em Brusque, com descendência.
- B75 - *Arthur Heinrich Wagner* \*16.4.1910, gêmeo com *Arnold* (B74), casou 17.10.1936 Brusque, com *Aurora Lardo*, residem em Brusque com descendência.
- B76 - *Bruno Paul Rudolf Wagner* \*1.7.1911, solteiro, reside em Brusque.
- B77 - *Hilda Wagner* \*2.3.1914 Itajaí, casada, mudou-se para Belo Horizonte
- N21 - *Clara Wagner* \*26.4.1875 †28.5.1956. Casou 10.1.1900 com *Hermann Otto Kaestner* \*21.7.1873 †4.6.1938, ambos sepultados no cemitério da Velha, filho de *Henrique Kaestner* e de *Christiane n. Koehler*. *Otto*, como era chamado, era fabricante de charutos, residia em Salto Weissbach, depois em Itoupava e finalmente na Velha, todos bairros de Blumenau. Pais de:
- B78 - *Laura Kaestner* \*5.11.1900 x *Heinrich Brueckheimer*, já falecido, reside na Velha, com 4 filhos.
- B79 - *Clara Kaestner* \* 6.2.1902 x *Arnoldo Ruediger*, já falecido, reside na Vila Nova, 4 filhos.

- B80 - Anna Kaestner \*8.6.1903 x Arnaldo Buetzke, já falecido, reside na Velha, 2 filhos.
- B81 - Ernesto Kaestner \*25.6.1904 x 14.8.1926 com Catharina Brueckheimer, residem na Velha, onde festejaram recentemente suas bodas de ouro. Tiveram 4 filhos, dos quais um falecido.
- B82 - Franz Kaestner \*11.6.1905 †25.4.1907, com 22 meses.
- B83 - Otto Kaestner \*28.7.1906 †2.9.1959, solteiro, sepultado no cemitério da Velha.
- B84 - Alice Kaestner \*2.8.1907 x 19.10.1929 com Jorge Frederico Tiefsensee. residem na Garcia, 3 filhos.
- B85 - Henrique Kaestner \*15.7.1908, viúvo de Irene Zimer, reside em Blumenau, sem filhos.
- B86 - Roberto Kaestner \*1.5.1911 x 5.7.1941 com Irene Brueckheimer, residem Ponta Aguda, 8 filhos.
- B87 - Carlos Kaestner \*7.4.1912 †19.11.1972, solteiro.
- B88 - Mathilde Kaestner \*23.9.1914 x 9.12.1935 com Georg Friedrich, já falecido, reside Vila Nova, com 7 filhos.
- B89 - Julius Kaestner \*23.9.1915 †27.3.1917, com 18 meses.
- B90 - Alwin Kaestner \*1917 †1964 x Renate Hemke que reside na Garcia, 4 filhos.
- B91 - Emma Sita Kaestner \*18.1.1919 †14.2.1919, com 4 semanas.
- N22 - *Georg Julius Wagner* \*17.9.1877 †13.4.1943 x 15.11.1904 com Mathilde Schütze \*12.6.1884 †2.7.1973, ambos sepultados no cemitério evangélico de Badenfurth, filha de Adolf e Elise Schütze. Residiam em Itoupava. Pais de:
- B92 - Amanda Wagner \*5.11.1905 x Hans Prosmann, já falecido, reside na Vila Nova. Tiveram 2 filhos, um já falecido.
- B93 - Alwin Wagner \*29.10.1906 x Margarida Renert, reside Balneário Camboriú. Dois filhos.
- B94 - Edmundo Wagner \*4.12.1907 x 30.3.1935 com Emma Hausmann, residem no Salto Weissbach, sem filhos.
- B95 - Theodora Wagner \*20.1.1909 x 22.1.1930 com Alwin Klabunde, residem em Badenfurth, com filhos.
- B96 - Ricardo Wagner \*11.6.1910 x 26.11.1938 com Gertrud Kleis. Ele faleceu em 1976. Três filhas.
- B97 - Claudia Wagner \*1912 x Carl Maske, residem Blumenau, 5 filhos.
- B98 - Arthur Wagner \*6.5.1914 x Erica Clau. Reside em Blumenau, onde é pintor e tem 2 filhas.

- B99 - Otto Wagner \*17.5.1917 x 29.11.1941 com Lydia Kroeger. Reside em Blumenau, onde é mecânico da Gráfica 43 e tem 3 filhos.
- B100 - Gottfried Wagner \*1919 x Hasta Schade, reside em Blumenau, onde é pintor e tem 3 filhos.
- B101 - Wiegand Wagner \*1920 ou 21 x Helga Reguse. Ele faleceu 1973. Tem uma filha.
- B102 - Gerold Wagner \*10.5.1926 x Pauline Meisen. Reside em Blumenau, onde é marceneiro e tem 2 filhas.
- N23 - *Emilie Anna Wagner* \*2.12.1880 †25.12.1954 Brusque. Casou 9.9.1905 em Brusque com Ernst A. Ulber \*12.4.1877 †7.10.1959. Pais de 5 filhos, nascidos em Brusque:
- B103 - Walter Ulber \*9.11.1908 †10.6.1921.
- B104 - Miriam Ulber \*11.6.1910.
- B105 - Ernst Ehrenfried Ulber \*5.11.1913 †16.10.1914 Brusque.
- B106 - Selma Ulber \*15.4.1916.
- B107 - Gerold Ulber \*11.8.1917.
- N24 - *Arnold Wagner* \*18.4.1883 †14.8.1957. Residia, e vários filhos ainda residem hoje, na rua São Bento, no bairro "Capim Volta" em parte das terras onde Peter Wagner se estabeleceu em 1848. Casou 12.10.1910 com Laura Krepsky \*21.4.1888 †19.2.1954, ambos sepultados no CEB, filha de Hermann Krepsky e de Christiane n. Wegel. Arnold possuía um ponto de carros de molas na cidade. Pais de:
- B108 - Heinrich Paul Wolfgang Wagner (Wolfgang) \*15.10.1911 †4.4.1914.
- B109 - Walli Mathilde Christiane Wagner (Walli) \*10.3.1915, solteira, reside Balneário de Camboriú.
- B110 - Siegfried Wagner \*5.9.1916 †22.11.1938, com 22 anos, solteiro.
- B111 - Erna Wagner \*5.9.1919 x 6.9.1940 com Luís Geraldo Vogel e reside à rua São Bento, no Capim Volta. Pais de:
- T142 - Janir Esther Vogel \*8.3.1941 x Wilson José Fenderich, residem à rua São Bento, com 2 filhos.
- T143 - Osmar Carlos Vogel \*12.4.1942 x Leda Campos, residem Criciúma, com 1 filho.
- T144 - Alvira Silvia Vogel \*18.2.1944 x Rudi Lenzi, residem na Velha com 3 filhos.
- T145 - Cacilda Vogel \*15.4.1948, solteira, estudante em Curitiba.
- T146 - Geraldo Sergio Vogel \*8.9.1956, solteiro.

- T147 - Suzana Raquel Vogel \*26.10.1961, estudante.
- B112 - Paul Wagner \*7.10.1921 x Desolina Berti. Ele já faleceu e ela reside à rua São Bento, 3 filhos.
- B113 - Adele Wagner \*21.5.1923 x Bertoli Zimmermann, residem a rua São Bento, 5 filhos.
- B114 - Orlando Wagner \*22.12.1927 † com pouco mais de 20 anos, solteiro, em Joinville.
- N25 - *Agnes Wagner* \*1.10.1884 †17.9.1938. Casou 29.4.1911 Brusque, com Carlos Germano Ulber \*15.8.1884. †8.6.1959, ambos sepultados no cemitério evangélico de Brusque. Pais de: (nascidos em Brusque):
- B115 - Martha Ulber \*30.11.1911.
- B116 - Erich Ulber \*3.3.1915.
- B117 - Germano Ulber \*14.3.1918.
- B118 - Kurt Ulber \*2.11.1922.
- B119 - Esther Ulber \*8.12.1924.

Ao terminar aqui a relação resumida e incompleta dos descendentes de Peter Wagner, verificamos que, de seus 21 filhos, conseguimos identificar 111 netos, numerados de N9 a N119, porém o número deve ser bem maior, pois, além de desconhecermos os nomes de 3 filhos de Thekla Wagner Ebert (N14), não sabemos nada dos três filhos de Peter Wagner: Reinoldo (N11), Alwin (N17) e Leopoldo (N19) que daqui se afastaram, podendo ter deixado uma extensa descendência em outras cidades.

No próximo caderno, relacionaremos os filhos dos outros irmãos de Peter Wagner.

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 30,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinatura para o exterior, Cr\$ 60,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425  
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

## A MARCANTE EVOLUÇÃO SOCIAL

*Nemésio Heusi*

Estou acompanhando, recortando e guardando, "As Opções da Oposição" de Ingo Hering. A propósito, quando no começo da década de quarenta, estive em Santa Catarina em missão da "Coordenação da Mobilização Econômica", em plena Segunda Guerra Mundial, encontrei em seu saudoso pai, Curt Hering, não apenas o industrial envolvido com seus múltiplos problemas que a guerra acarretava à sua Indústria, mas sim, o empresário dono de invulgar cultura, senhor absoluto das malévolas consequências oriundas da paranóia hitlerista, já que, na época, as vitórias do ditador nazista em seus primeiros avanços fulminantes pela Europa, davam-lhe aparência de um novo César do século XX.

Curt Hering, porém, me afirmava: "Senhor Heusi, nenhum regime de força, ou prepotência, vencerá no mundo em que vivemos. Hitler é um paranóico que levará o povo alemão à ruína, não se iluda senhor Heusi". De fato levou, quando, na ocasião tudo parecia ao contrário. Tornei-me então um profundo admirador de Curt Hering e, em "Blumenau em Cadernos", algum tempo depois, escrevi sobre este extraordinário e dinâmico blumenauense e, sem dúvida, voltarei a escrever por ocasião do seu Centenário à 8 de maio de 1981, um ano após os cem anos das Indústrias Hering, de que tanto se orgulhava.

Para mim, pois, não é surpresa que seu ilustre filho Ingo Hering, aborde em "As Opções da Oposição", temas atuais de tamanha beleza e clareza cultural que sinto ao lê-las. Ele é um digno representante do clã dos Hering, oriundos da velha Saxônia, Alemanha.

Em se lendo hoje, Ingo Hering, pode-se concluir quanto errada estava a filosofia Marxista do século XIX e seu engano, justamente provém da negação da força espiritual e a sua consequente evolução social, só admitindo a existência da natureza humana, sempre definida e basicamente igual sujeita a normas eternas e imutáveis, e a recusa categórica da existência de um ente supremo (Deus), como fundamento explicativo para a origem e a evolução do mundo.

Karl Marx, vinha de um século onde o feudalismo saíra do campo para atingir as cidades, com o início da era industrial num mundo ainda vivendo a escravatura e sem preparo algum para suportá-lo, e onde segundo Marx surgiria uma eterna luta de classe... "O homem livre e o escravo, o patricio e o plebeu, o barão e o servo, em uma palavra: os opressores e os oprimidos, em oposição constante, têm travado uma guerra constante ora aberta, ora dissimulada, que acabou sempre por uma transformação total da sociedade".

Desta conclusão da lógica marxista e das agitações de 1848 que estremeceram a Europa, os movimentos socialistas da França, agitações nacionalistas na Itália e Alemanha e as reivindicações cartistas na Inglaterra, apenas, paradoxalmente na época a Rússia se mantinha estável, autoritária e teocrática, vivendo em pleno estágio medieval. Como produto destas revoluções lançou Marx, auxiliado por seu discípulo e patricio Friedrich Engels, o célebre "Manifesto Comunista" de "materialismo dialético". E nunca poderia supor Marx que o seu comunismo, só

muitos anos mais tarde, em 1917, surgisse com a vitória da Revolução Socialista Russa, onde, por ironia do destino, o Partido Social Democrata dos Trabalhadores, derrotou o czarismo e instituiu o sistema com bases na justiça social. Pouco mais tarde, os bolcheviques de Lenin e Trótsqui, que procedeu a uma rápida e agressiva transformação na organização do "Exército Vermelho", querendo impor pela revolução o "oprimido proletariado" no poder, não só na Rússia, como em todo o mundo.

Teve fim porém a "teoria Trotsquista" com Stalin, que o derrotou na luta pelo poder, logo após a morte de Lenin e então passou a governar a Rússia com a Ditadura do Proletariado até sua morte em 1953.

Hoje a Rússia vive numa Ditadura Comunista, evoluindo, lentamente, para o Socialismo já que, o ideal Marxista e muito menos o Trotsquista, são incompatíveis com a marcante evolução social que o mundo atômico atravessa e que jamais admitirá quer, Marx, Trótsqui ou Hitler.

Para os atuais dirigentes russos que também dispõem e bem conhecem o "Bctão Atômico", que não admite ideais que destruam o grande sonho de Liberdade e Paz da Humanidade, só lhes resta uma opção, a evolução Social-Democrática como única solução de sobrevivência perene do mundo atômico, ou então, a sua própria destruição.

Ingo Hering, vindo hoje para os Jornais com as suas objetivas "opções" nos comunica e afirma, como muitos outros exemplos, a extraordinária evolução do "Capital" para consolidação da harmonia com o "Trabalho", base fundamental, da Social Democracia. Com esta opção jamais contou Marx.

O que queria dizer, então, Curt Hering, era que, tanto Marx, Trótsqui e Hitler tropeçaram para caírem na utópica grandeza do efêmero mundo material que viveram, como os anjos que se rebelaram contra Deus e foram enterrados no inferno, como demônios.

---

*NOTAS LOCAIS - Blumenauer Zeitung - Vol. 1 de 20-5-1882 a 20-12-1884*  
Nº 23 - 2-6-1883: Fortes geadas causaram elevados prejuízos à lavoura. Desde o ano de 1876, em cujo decurso constaram 6 fortes geadas, foi aquela, do corrente ano a mais forte. - O jornal desta data rebate, com veemência, um ataque contra a pessoa do Dr. Fritz Müller, feito no Nº 9 do "Immigrant".- Numa nota "A pedido", assinada em data de 31 de maio de 1883, os Srs. Heinrich Probst - Victor Gärtner - Dr. W. Eberhard - Julius Baumgarten - Louis Sachtlebeu - H. Ave-Lallemant - Dr. Hermann Blumenau - Sametzki - F. Schrader - Friedrich Deekz - Friedrich v. Ockel - Bernhard Hoepner - Hermann Baumgarten - Peter Hartmann - F. Faust - Heinrich Fröhner - Guido v. Seckendorff - Dr. Fr. Vallotton e H. Watson - protestam contra esses ataques, taxando de mentirosas e caluniosas as afirmações contidas no artigo do Nº 9 do "Immigrant", manifestando sua solidariedade ao honrado cidadão Dr. Fritz Müller. (Obs.: - O "Immigrant" afirmou que o Dr. Fritz Müller havia transformado o antigo "Eden" de Blumenau, num verdadeiro inferno, de ter conseguido tornar os pecatos e amistosamente conviventes moradores em ferrêneos inimigos e destruído completamente as relações sociais existentes na cidade há mais de um lustre).

# HERANÇAS DO FOLK-LORE UNIVERSAL EM SANTA CATARINA

A. SEIXAS NETTO

- I -

Em Santa Catarina, precisamente no litoral, que é o que considero realmente a faixa entre o oceano e a serra Geral, e não simplesmente a linha marítima delimitante entre a terra continental e o mar, os ritos antigos, já *folclore*, chegaram de além mar, trazidos pelos povoadores lusos e, posteriormente, pelos emigrantes, franceses, italianos e principalmente alemães do Antigo Império, e outros. Infelizmente, do *folclore*, nativo, indígena, cousa alguma se cultua e cultiva, porque, para muitos, por todos os tempos de Brasil, o indígena nunca passou de *bicho*, um tipo de *elo perdido*, proposto pelo idiotíssimo Darwin, endeusado pela bacharelise biológica. Assim, o que deveria mesmo ser cultivado no Brasil seria o folclore indígena, nativo, pátrio, em parte muito mais expressivo que o trazido por correntes alienígenas.

Mas deixemos para lá a cousa porque, existindo duas espécies, ou dois espécimes de *folclorista*, (o que estuda o folclore, com objetivo de conhecer a evolução mental do povo, os conceitos religiosos, o conhecimento efetivo da vida e até a ciência sintética ali expressada, e o que *festeja o folclore*, sem mor conhecimento, que lhe não interessa, e tem por objetivo *promoção de status* e outras *bugigangas* sociais passageiras mas que dão algum proveito próprio), o assunto controverte: Os *festivos* querem festas e os estudiosos paz. Assim, tudo quanto se tem de *folclore* neste litoral, veio de outras plagas. Já estudamos o Boi-Mamão, que os *festivos* chamam de boi-de-mamão. Iremos, agora, ver a realidade do PAU DE FITAS.

O PAU DE FITAS é um culto de fertilidade: é muito antigo, com mais de 3000 anos de existência. Era um ritual fálico na Ásia Menor, dentro do Crescente Fértil com extremos na Península-arquipélago helênico até o Balkãs e no Egito.

Os cultos fálicos eram muito importante nos centenâres de povos tribais dessa área circunmediterrânea, pois implicava em cultos a vários deuses, alcançando, depois, a Magna Grécia inteira, e, da península itálica, passou a Espanha, daí se dispersou pela Europa romana e, com as navegações e povoações americanas retornou, mais moderado em culto e objetivo, -distorção folclórica-, ao uso dos povoadores.

O culto dos deuses Falo, Priapo e outros, objetivava mostrar o órgão gerador da vida. A Fertilidade nesses tempos antigos, era cultuada e seus deuses-idolon festejados com maior respeito. Os rituais fálicos tinham importância notabilíssima e seus cultos nunca, ao que eu saiba, foram estudados seriamente. A mitologia de vários povos é farta em deuses e subdeuses, ou deuses maiores e menores, do ritual fálico e venusino.

Entre os deuses-lares romanos havia dezenas de propiciadores fálicos e venusinos, desde os deuses de ereção aos deuses protetores do coito e do amor. As florestas helênicas, com a sua mitologia Omérica, eram povoadas de Sátiros de diferentes figuras e atividades, tendo Eros, e os deuses menores e diábolos da Luxúria lugares destacados no amor puro e no amor-ato; no amor estético e no amor atividade geradora. O assunto é enorme. Mas por detrás desses Ritos há uma verdade: A da Reprodução Humana, da conservação de Espécie. Mas disto falaremos noutra oportunidade.

O PAU DE FITA é uma corruptela, ou uma evolução, capeada com certos padrões morais-religiosos mais recentes, do Rito Fálico. Era comum no Egito o Rito de Osiris. (Todos conhecem a lenda Osírica e, portanto, será lugar comum descrevê-la aqui). Eram comuns na Grécia os Rituais Fálicos da Fertilidade.

E havia monumentos fálicos nas praças e Templos onde as virgens iam, ritualisticamente, oferecer a virgindade antes das núpcias para ser agraciada com Fertilidade pelo deus. Posteriormente, esses deuses eram levados pelas ruas festivamente adornados e com alegres cantorias e festejos. Daí evoluiu na representação artística até a simples vara ornamentada de Fitas ou como diziam os lusos: PAU DE FITAS.

Os PAUS DE FITAS chegaram a Santa Catarina com os açoritas (e não açoreanos). E passaram a ter sua época, condizente com o rito da Fertilidade no Hemisfério Norte: Os ritos pré-primaveris e primaveris. As vilas e povoados os receberam com integrantes dum culto histórico cuja origem repousava simplesmente sobre os mais velhos que transmitiam sem mor explicações. Bem como as cantorias festivas que se foram modificando a um estilo novo em terra nova.

(continua)

---

*NOTAS LOCAIS - Blumenauer Zeitung - Vol. 1 de 20-5-1882 a 20-12-1884*

Nº 25 - 16-6-1883: As instalações das máquinas da tecelagem e fiação dos Srs. KARSTEN, HADLICH & RÖDER, já estão tão adiantadas que em breve a fábrica poderá começar a funcionar. Algumas peças do maquinário tiveram que ser confeccionadas aqui, o que ocasionou o atraso do trabalho de instalação. Por despacho da Presidência da Província, foi fixado em 5 réis o valor da braça quadrada (4,84 m<sup>2</sup>) das terras requeridas por vários colonos, os quais dentro de 2 meses devem mandar medir por sua conta os lotes requeridos. (Obs.: A este preço um lote colonial de 242.000 m<sup>2</sup>, valia 250\$000 - Cr\$ 0,25). (Nota: Na mesma época, 15 kgs. de fumo em corda valia 12\$000 réis, e, num leilão de bens de órfãos foram avaliados - 1 cavalo por 20 milréis, uma pequena carreta, por 60 milréis e um lote de terras com 220 ms de frente e 1.100 ms de fundos, com uma pequena casa, no ribeirão do Bode, em 800 milréis.

# O Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí

FREDERICO KILIAN

No dia 9 de Novembro deste ano, decorreram precisamente 40 anos que se constituiu aqui em Blumenau uma sociedade, cuja finalidade primordial era - A organização de um arquivo de documentos e publicações referentes a história do Vale do Itajaí, divulgação por meio de publicações e conferências, da história da colonização; constituição de uma biblioteca, principalmente com obras concernentes aos objetivos da sociedade; a iniciativa da fundação de um arquivo e museu da colonização do Brasil.

Sua constituição foi uma iniciativa do eminente homem público o inesquecível Dr. Victor Konder, que, expondo sua idéia a um círculo de amigos, com eles elaborou os estatutos da referida sociedade, cujo teor transcrevemos abaixo, na sua ortografia original da época, para constar dos anais desta revista e integrar o patrimônio histórico de nossa comuna.

## ESTATUTOS

Do Instituto Histórico e Cultural do Valle do Itajahy.

Artº 1º - Fica constituído. com séde e fôro nesta cidade de Blumenau, o "Instituto Histórico e Cultural do Valle do Itajahy".

Artº 2º - A Sociedade, que tem fins culturais, promoverá:

- a) - A organização de um archivo, em que fiquem colleccionados e catalogados todos os documentos, publicações, plantas, mappas, photographias, etc., que se relacionem com a história do Valle do Itajahy e seu desenvolvimento econômico, social e cultural.
- b) - Divulgação, por meio de publicações e conferências, da História da Colonização da zona do Valle do Itajahy, e, em geral, do Estado de Santa Catarina.
- c) - A constituição de uma bibliotheca, principalmente com obras concernentes aos objetivos sociais.
- d) - A iniciativa, em tempo oportuno, da fundação de um archivo e museu da colonização do Brasil, para o qual servirão de fundamento os materiais e elementos reunidos pelo Instituto.

Artº 3º - A Sociedade compor-se-á de cincoenta sócios fundadores que são os que assinam estes estatutos.

Artº 4º - O governo da Sociedade ficará em mãos desses sócios fundadores e o seu mandato, tendo em vista a perenidade dos fins sociais será perpétuo.

§ único - Em caso de morte, renúncia ou mudança definitiva de domicílio de um desses membros do Conselho administrativo perpétuo, os restantes escolherão o sucessor.

Artº 5º - O Conselho Administrativo elegerá dentre os seus membros, uma comissão diretora que se comporá de um presidente, um vice, um secretário, um thesoureiro e um conselho de contas, com tres membros effectivos e tres supplentes.

§ único - O Conselho Administrativo reunir-se-á pelo menos duas vezes ao ano.

Artº 6º - O Instituto será representado em juizo e fora d'elle, em suas relações com terceiros, pelo Presidente em exercício e pelo secretário, sendo êste substituído, em seus impedimentos, pelo Thesoureiro.

Artº 7º - Além dos sócios fundadores, farão sempre parte do Conselho Administrativo, o Prefeito Municipal e o Juiz de Direito da Comarca de Blumenau, que estiverem no exercício de suas funções.

Artº 8º - Os sócios do Instituto não respondem subsidiariamente pelas obrigações contrahidas, expressa ou tácitamente, em nome d'elle.

Artº 9º - Todos os sócios que forem admitidos d'ora em diante, a juizo da Comissão Directora, serão contribuintes.

Artº 10º - Todos os annos, durante o primeiro trimestre, a Comissão Directora convocará os sócios contribuintes para apresentar-lhes o relatório e o balanço documentado do exercício findo e receber sugestões da Assembléia sobre assuntos sociais.

Artº 11º - Caberá ao Conselho Administrativo, além de fixar as linhas gerais da administração e da organização dos serviços:

- a) - Fixar as joias e contribuições a que estão sujeitos todos os sócios em geral;
- b) - Estabelecer as condições para os sócios beneméritos, honorários e presidentes honorários;
- c) - Designar as comissões municipais que, nas respectivas zonas, representarão o Instituto e colaborarão na consecução dos fins sociais;
- d) - Nomear sócios correspondentes, dentro e fora do paiz;
- e) - Excluir, por motivos ponderosos, sócios de qualquer categoria;
- f) - Nomear e demittir funcionários;
- g) - Regulamentar as substituições de diretores e funcionários, não previstas nestes estatutos;
- h) - Approvar o Regulamento Interno que a Comissão Directora organizar, não só para os serviços administrativos do Instituto, como para funcionamento dos trabalhos do Conselho Administrativo e das Assembléas annuais de sócios;
- i) - Supprir quaisquer omissões destes Estatutos.

Artº 12º - O patrimonio social será formado pelas contribuições, por donativos e por quaesquer outras rendas.

Artº 13º - Em caso de dissolução do Instituto, o que só poderá dar-se por deliberação unânime do Conselho Administrativo, o patrimônio do Instituto será aplicado numa obra de fins culturais, dentro do Valle do Itajahy, a Juizo do mesmo Conselho.

Artº 14º - Estes estatutos só poderão ser reformados em assembléa, especialmente convocada, do Conselho Administrativo, por maioria de dois terços (2/3) de seus membros.

Blumenau, 9 de novembro de 1936.

VICTOR KONDER  
JOSÉ FERREIRA DA SILVA  
CURT HERING  
FREDERICO KILIAN  
THEODORO LUEDERS  
PEDRO CHR. FEDDERSEN

Reconheço verdadeiras as assinaturas de Victor Konder, José Ferreira da Silva, Curt Hering, Frederico Kilian, Theodoro Lueders e Pedro Christiano Feddersen, do que dou fé.

Em testemunho O.A. da verdade.

Blumenau, em 25 de Fevereiro de 1937.

OTTO ABRY, Tabellião.

Estes Estatutos foram devidamente registrados no Cartório do Registro de Pessoas Jurídicas, no Livro Nº4, à fls. 52v., em data de 27 de Fevereiro de 1937.

Infelizmente esta sociedade não chegou a se desenvolver e atuar da maneira como seria a desejar, por motivos vários, entre os quais, o de ter a sua frente uma figura que acabava de chegar a Blumenau, do seu exílio político de vários anos, de Portugal, o eminente estadista e ex-Ministro da Viação e Obras Públicas, Dr. Victor Konder, e que por isso, não pôde contar com o apoio do governo, tanto mais que naquela época, todo e qualquer movimento ou ação, que tentasse, em Blumenau, manter viva ou perseverar suas tradições históricas, seu espírito pioneiro, baseado nos exemplos dos pioneiros da colonização alemã, era tido como ato de lesa-pátria.

Mas mesmo assim, os idealistas daquele empreendimento e o pequeno grupo de blumenauenses que os apoiavam, não esmoreceram, propagando a idéia, deixando lançada a semente desta, para que em época mais favorável e oportuna, viesse a brotar e se desenvolver.

Conseguiu, até, mediante contribuições de seus sócios e doações de entidades, constituir um relativo patrimônio, em dinheiro, cuja administração ficou a cargo da honrada e honesta pessoa do Sr. Rudolfo Kleine.

E foi assim que, por ocasião dos festejos do centenário da fundação de Blumenau, surgiu desta semente a "SOCIEDADE DOS AMIGOS DE BLUMENAU", fundada no dia 10 de Setembro de 1950, para concretizar os propósitos daquele Instituto, tornando-se, sob nova denominação, sua legítima sucessora, pois os seus estatutos sociais trazem em seu Capítulo I, referente aos fins sociais, transcritos quase que literalmente, as mesmas disposições do ato de constituição do Instituto Histórico e Cultural acima constantes.

Precisamente na mesma data de 10 de Setembro de 1950, com a presença do Ministro da Educação e Saúde, o Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, Dr. Pedro Calmon, como representante de sua Excia. o General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, foi lançada na área do atual Horto Florestal "Edite Gaertner", em ato solene, a pedra fundamental da "CASA DOUTOR BLUMENAU", cujo patrimônio cabia a Sociedade dos Amigos de Blumenau a guardar e administrar, por força de seus estatutos, e expressa condição contida na escritura de doação feita por D<sup>a</sup> Edite Gaertner, para esse fim.

Quando, pouco depois da sua constituição a Sociedade dos Amigos de Blumenau, tomou a iniciativa da construção da Casa Dr. Blumenau, para nela instalar os diversos departamentos dos objetivos de sua finalidade, dando prioridade às dependências da sua biblioteca própria e às da Biblioteca Municipal, foi, por decisão unânime dos sócios remanescentes do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí, doado e transferido o seu patrimônio à Sociedade dos Amigos de Blumenau, e o dinheiro existente em caixa aplicado na construção da atual Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller".

Finalmente, pela Lei Municipal N<sup>o</sup> 1835, de 7 de Abril de 1972, foi instituída a FUNDAÇÃO "CASA Dr. BLUMENAU". para cujo patrimônio passou todo o acervo da "Sociedade dos Amigos de Blumenau".

Apreciando-se a sequência histórica da constituição dessas instituições culturais, pode-se afirmar, com a razão lógica, que a atual Fundação "Casa Dr. Blumenau" nasceu e se desenvolveu numa metamorfose jurídica, da idéia lançada por aquele grupo de idealistas ao constituírem o Instituto Histórico e Cultural Vale do Itajaí, em 9 de Novembro de 1936.

---

*NOTAS LOCAIS - Blumenauer Zeitung - Vol. 1 de 20-5-1882 a 20-12-1884*

N<sup>o</sup> 21 - 20-5-1882: O hoteleiro, Sr. Johann Schreep, teve a infelicidade de ser jogado para fora de sua carruagem, quando os cavalos saíram em desenfreada carreira pela estrada. Com a queda o Sr. Schreep fraturou a perna abaixo do joelho, a qual 40 horas depois do acidente foi amputada na articulação do joelho. 24 horas depois foi necessário amputar também a parte superior da mesma. Apesar da operação ter ocorrida com êxito, o Sr. Johann Schreep veio a falecer no dia 16 de maio de 1882, logo após a operação.

# A Atualidade de uma Ciência Antiga

ELLY HERKENHOFF - Joinville

A revista alemã "Bunte Illustrierte" publicou uma pequena história, que teve o seu início no momento em que um cidadão norte-americano, ex-combatente da II Guerra Mundial, ao remexer nos objetos trazidos e guardados como recordação da guerra, deu com o retrato de uma linda jovem sorridente — retrato este perdido por um soldado alemão em 1943 durante a campanha no norte da África e recolhido pelo então soldado americano, que agora, 32 anos depois, decidiu tentar devolver a fotografia ao seu legítimo dono.

Como no verso do retrato se achasse impresso e ainda decifrável o nome do fotógrafo autor, estabelecido em Regensburg, o americano, reunindo todos os seus conhecimentos do idioma alemão, escreveu uma carta, na qual expressava o desejo de saber se a jovem do retrato havia conseguido sobreviver a todos os bombardeios de Regensburg e se o "seu irmão ou talvez namorado" — o dono de retrato — tinha voltado "o.k." da guerra. Colocou a carta num envelope juntamente com a fotografia e a endereçou ao burgomestre de Regensburg, antiga e romântica cidade da Baviera.

O burgomestre, por sua vez, após a leitura da carta, escrita num alemão bastante arrevesado, fez publicar o retrato num dos jornais da cidade e pouco depois já se apresentava a "linda jovem" — agora uma simpática e sorridente senhora, mãe de 3 filhos e desde 1949 casada com o "Amtsrat" (Conselheiro da Justiça) Johann Bruckschlegel, o ex-soldado alemão que havia perdido o retrato da namorada em qualquer ponto da Tunísia. Fora ele aprisionado pelos americanos em 1943 e depois de 5 anos como prisioneiro de americanos e franceses, voltou para a Alemanha, onde logo em seguida, 4 anos depois do fim da guerra, se casou com a sua bem-amada Rosa, a jovem que o esperara, fiel e ansiosamente, durante todos aqueles terríveis anos de guerra e pós-guerra.

Acrescenta o repórter da "Bunte Illustrierte" que Rosa e Johann Bruckschlegel, muito felizes e sensibilizados com a devolução do retrato de maneira tão invulgar, já estavam preparando extensa carta ao americano — o adversário de 1943 — não apenas para lhe agradecer, mas ainda para relatar pormenores das atribulações vividas durante e depois da guerra, agora já distante.

Termina aqui a história, uma dessas histórias que todos nós gostamos de ler ou ouvir contar, porque nos provam que nem tudo está perdido ainda, neste mundo de hoje, cheio de agressividade, violência e terror.

E para nós brasileiros, a história apresenta ainda um detalhe especial. É que o nome do cidadão americano, que tanto se preocupou com o destino de um soldado alemão desconhecido e de sua namorada, é Henry GEISEL. Ora, o nosso Presidente Ernesto Geisel é filho do imigrante alemão Wilhelm August Geisel, é neto de Philipp Bernhard Geisel e bisneto

de Johann Philipp Geisel, nascido em Kronberg, Alemanha, no ano de 1792, casado com Katharine Margarethe Zubrod. Este casal teve 9 filhos, sendo o 5º o mencionado Philipp Bernhard e o 7º Gottfried Geisel, nascido em 1836 e emigrado em 1857 para a América do Norte. Como se trata de nome não muito comum, é possível, é provável mesmo, que Henry Geisel seja descendente — talvez neto — do emigrante Gottfried Geisel e neste caso o nosso Presidente e Henry Geisel descenderiam do mesmo bisavô.

Os dados acima acham-se relacionados no volume VI da série "Famílias Brasileiras de Origem Germânica", volume este editado pelo Instituto Hans Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, e à venda aqui nas livrarias. Além da genealogia da família Geisel, o volume apresenta ainda 170 nomes de famílias tradicionais de Joinville, Blumenau, bem como de outras regiões do Estado e do País.

Assim, mais uma vez se evidencia a importância, a atualidade de uma das mais antigas ciências do Velho Mundo. Aqui no Brasil, embora exista o Instituto Genealógico Brasileiro, em São Paulo, são poucas, relativamente, as pessoas que se preocupam com o estudo da genealogia.

Muitas vezes, por falta de oportunidade, outras, por falta de tempo ou então por desconhecimento do assunto. E é por esta última razão que já se perderam e continuam perdendo documentos insubstituíveis com dados genealógicos, sem que as pessoas que poderiam preservá-los, se dêem conta da preciosidade do material destruído.

Enganam-se os que vêem na genealogia um estudo superado, supérfluo e inoportuno na era da tecnologia moderna. Esquecem eles que, quanto mais amplas as perspectivas da tecnologia do nosso presente, mais necessária a pesquisa do nosso passado — em todos os seus múltiplos e mais variados aspectos. E isto não só nos países do Velho Mundo, mas também entre nós, que somos uma nação jovem, um país de muitas etnias diferentes, onde o estudo da genealogia oferece um fascínio inédito, especial.

*NOTAS LOCAIS - Blumenauer Zeitung - Vol. 1 de 20-5-1882 a 20-12-1884*

- Nº 39 - 23-9-1882: O Sr. Paulo Schwarzer, de Brusque, foi nomeado Juiz Comissário da Agência de Terras)-O Sr. João Breithaupt, que interinamente ocupava este cargo, passou a agrimensor do mesmo Comissariado. - Um surto de varíola já vitimou 2 crianças e muitas outras foram atacadas.
- Nº 31 - 28-7-1883: A diretoria da Comunidade Evangélica de Blumenau, convida seus filiados para o culto solene, no dia 29 de Julho, no qual será inaugurado o novo harmônio da igreja, um instrumento de alta qualidade e dos melhores vindo ao Brasil.
- Nº 42 - 13-10-1883: Elesbão Pinto da Luz, foi nomeado Tabelião vitalício da Vila de Blumenau - O filho mais velho do Sr. Holetz, de nome Ricardo e um cunhado deste, que haviam comprado um boi que parecia manso, foram atacados por este animal quando o quiseram levar ao pasto. Ricardo Holetz foi gravemente ferido, caindo ainda sobre um toco de uma árvore e apesar de seu estado já durante 14 dias ser muito crítico, há esperanças de se restabelecer.

# Desaparece uma história viva

P. Victor Vicenzi

Na evolução histórica de Rio dos Cedros, existem elementos e aspectos de tão relevante importância, que no cenário do povo, projetaram um facho de luz e um testemunho vivo admirável. Foi isso, sem dúvida, o que aconteceu com Ângelo Lenzi, que desapareceu em Pomeranos, no dia 04 de abril de 1976, aos 100 anos de idade.

Figura inconfundível: era o homem mais velho da região; a história viva de Rio dos Cedros e o primeiro filho do imigrante italiano.

Nos festejos realizados de 30 de novembro a 08 de dezembro de 1975, foi o "nonno" do centenário e a única pessoa sobrevivente, testemunha ocular dos 100 anos de sua existência.

Seus pais, Ângelo Lenzi, e Rosa Lenzi, vinham de Samon, pequena cidade da Província de Trento, Itália, a procura de novas terras para cultivar e garantir um futuro melhor para seus filhos.

Embarcaram no porto de Trieste em dezembro de 1874, provavelmente na véspera de Natal, conforme afirma seu filho "Angelin", num navio "vellante", chamado "Gabriela", em companhia de mais 300 pessoas, das quais 22 famílias daquela leva, se estabeleceram em Pomeranos no atual município de Rio dos Cedros.

O "Gabriela" demorou quase quatro meses para chegar a seu destino, devido ao mau tempo encontrado no Oceano Atlântico, fenômeno que se manifestou desde a saída do Estreito de Gibraltar. O navio à vela, empurrado pelos ventos de um lugar para outro, sem rumo e perdido na imensidão das águas, chegou até a foz do Amazonas, julgando de momento, fosse o Rio Itajaí.

Os passageiros cansados, aborrecidos e desanimados, vinham ameaçando o próprio Comandante, de nacionalidade francesa, por não acertar o caminho. Ele, porém, com habilidade prodigiosa, manteve calma e resignada a sua gente, que finalmente chegou sã e salva ao porto de Itajaí, no fim do mês de maio de 1875.

Ângelo Lenzi, assumindo a liderança do grupo, ao chegar em Blumenau, convenceu parte daquelas famílias a se dirigirem para Rio dos Cedros, tendo em vista as boas informações que recebera da Direção da Colônia e ainda pelo fato de lá já se encontrarem mais outras duas levas, suas vizinhas de emigração.

Foi assim que 22 daquelas famílias aderiram ao convite, indo se estabelecer em Pomeranos Central, logo em seguida aos imigrantes de Centa, que tinham chegado dois meses antes. As demais se dirigiram para Nova Trento e Rodeio.

Ângelo Lenzi tomou posse do terceiro lote de Pomeranos Central, à direita, onde hoje mora Tiburcio Allegri. Vizinho a ele, ficaram seus irmãos: Zacaria Lenzi e Damiano Lenzi, este, cantor e primeiro mestre de canto do lugar.

Ângelo, nasceu em Samon, Trento, Itália, no dia 24 de julho de 1837 e faleceu no dia 17 de novembro de 1905. Seus restos mortais repousam no cemitério de N. Sra. do Caravaggio de Pomeranos, juntamente com os da sua esposa, nascida no dia 25 de janeiro de 1841 e falecida no dia 11 de janeiro de 1926.

Rosa Lenzi, era obstetrícia prática. Dedicava-se gratuitamente a socorrer as parturientes. Em viagem sempre era acompanhada por dois moços armados de espingarda e facão, para protegê-la dos perigos que existiam por toda parte naquele tempo.

Seu filho "Angelin" gozou sempre de boa saúde. Uma cartomante lhe afirmara que viveria 97 anos. Errou, porém. Viveu 100.

Homem tranquilo, passou sua vida feliz no aconchego dos seus familiares, trabalhando na lavoura e contando histórias dos tempos idos.

Tomou parte nos festejos do Centenário de Timbô, em 1969, quando lhe foram prestadas homenagens pelas autoridades e pelo povo, como sendo a pessoa mais velha da região.

Frequentou um pouco a escola noturna (scuola serale) do célebre "Maestro" Giovanni Trentini, que foi o primeiro professor de Pomeranos. Para realizar essa missão, Trentini, percorria a pé, quatro escolinhas: Glória, Dorés, Santo Antônio e São José. Formado na Universidade de Pádua, era poeta e escritor. Ele, como afirma Angelin Lenzi e também Ferdinando Valandro, para compor uma poesia, colocava-se de pé, apurava-se, pensava por alguns instantes, para em seguida romper a marcha, rimando as palavras sob o passo cadenciado. Algumas dessas poesias, felizmente, chegaram até nós através de Otilia Agostini Perini e de outras pessoas.

Assim sendo, Angelin Lenzi, não teve praticamente estudo, a não ser o pouco que pôde aprender do célebre "Maestro": mas sua capacidade prática e o dom da memória extraordinária de que era dotado, lhe proporcionaram meios suficientes para vencer.

Além do italiano, aprendeu a falar perfeitamente o alemão. Dizia ele, que, hoje com livros e muitas escolas, os alunos sentem dificuldades em falar uma língua estrangeira, o que não foi para ele naquela época. Com facilidade memorizava uma leitura, um fato, uma história e que nunca mais esqueria.

Com mais de 97 anos andava a pé, percorrendo 5 a 6 Km atraindo a admiração dos que o viam. Nele estava encarnada a história de Rio dos Cedros.

Dotado de memória prodigiosa, lembrava-se de tudo o que tinha acontecido no passado em suas mínimas particularidades.

A caça, dizia, era tão abundante, que da janela da rústica choupana de seu pai, abatia-se com facilidade o araquã, o jacú, o tucano, o nhambu, o macuco, como também, o bugiu, o porco do mato, o veado, e outros animais. Nos primeiros tempos as famílias somente se abasteciam desse tipo de carne, porquanto não existia nenhum açougue.

Também o pescado era abundante. Pelos córregos, capturava-se à vontade quanto peixe se quisesse. Ao baixar o nível das águas de qualquer transbordamento, verdadeiros cardumes ficavam represados em pequenas lagoas, para onde acorriam alegres crianças apanhando com as mãos os peixes aprisionados.

No cruzamento do rio dos Cedros pelas terras do imigrante Damiano Lenzi, onde agora reside seu neto, Ferri Lenzi, era o ponto principal da pesca. Por isso ainda hoje, esse lugar, é chamado o "fundão" milagroso.

Lembrava-se de como as primitivas camas eram construídas com paus roliços, trançados com cipós e colocadas num lugar mais alto, num engendrado meio de se proteger da onça, que continuamente à noite, rondava os arredores das habitações, atacando os menos prevenidos.

Afirmava que, os índios assaltavam as roças dos colonos e até matavam, como aconteceu em São José, Rio Herta, Rio Milanês, São Bernardo e Tiroleses. Andavam nús pelas matas, correndo de um lugar para outro, desaparecendo por algum tempo, e reaparecendo em seguida para caçar, pescar e espreitar os colonos na lavoura e, à noite, pelas frestas das casas. Por isso aquelas primeiras famílias, viviam em contínuos alarmes.

Gostava de contar como eram abertas as primeiras estradas, quando turmas de colonos munidos de machado, pá e picareta, trabalhavam para isso. Assim foi o que aconteceu com as estradas de Pomeranos, Rio Sapo, Rio dos Cedros e São José. Outras turmas ainda prestavam serviços na abertura da estrada de ferro entre Mafra e Jaraguá do Sul, especialmente nos túneis de São Bento do Sul e Corupá.

Passou sua juventude mascateando estampas religiosas. Para tanto, percorria a pé vastas regiões, oferecendo o seu artigo às famílias. Certa vez, hospedou-se em Luís Alves, numa família, onde estava sendo carneado um cavalo magro e velho. No jantar foi servida daquela carne, mas ele recusou-se comer, aludindo proibição médica. Por isso, mais tarde, dizia aos seus amigos em tom de brincadeira: Em Luís Alves come-se carne de cavalo velho e magro.

Como freteiro, carregava para a Casa Fetters de Blumenau, numa carroça, as mercadorias de Pomeranos, que seu tio Zacaria Lenzi adquiria.

Para visitar uma propriedade que comprara da Colonizadora Luís Bértoli, em Salete, viajava com seus dois filhos e três ajudantes, passando dois e até três meses no meio da mata, ameaçados constantemente pelos índios.

Era também veterinário prático e valente domador de cavalos. Por isso tinha que atender os chamados que frequentemente lhe eram dirigidos pelos colonos, para prestar-lhes os socorros de urgência, serviço que fazia com pronta solicitude.

Homem benquisto por todos, vivia fiel aos princípios auridos do seu pai. Gostava de receber visitas e repórteres, que o procuravam para obter dele informações históricas dos tempos idos. Ele, sempre os atendia com satisfação.

Casou-se em 1898 aos 23 anos de idade com Rosa Paoletto. Teve 11 filhos dos quais 8 ainda vivem. Monti, o mais velho, tem 75 anos e Alido, o mais moço, 53.

Morreu de velhice, definhando aos poucos. No dia 4 de abril de 1976, pediu o sacerdote para que viesse trazer-lhe os socorros espirituais vindo a falecer no mesmo dia.

Aos funerais compareceram considerável número de amigos, admiradores e autoridades. Seus restos mortais, repousam agora no cemitério da igreja N. Sra. do Caravaggio de Pomeranos, no município de Rio dos Cedros.

---

Durante o meses de outubro e novembro foi o seguinte o movimento do Museu e Biblioteca:

## MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL

VISITANTES	530 pessoas
QUATRO ESCOLAS COM	150 alunos
NOVE EXCURSÕES COM	240 participantes

---

VISITANTES	430 pessoas
SETE EXCURSÕES COM	144 pessoas

## BIBLIOTECA "DR. FRITZ MÜLLER"

EMPRÉSTIMOS DE LIVROS	- 1084
OBRAS CONSULTADAS	- 2209
BUSCAS NO ARQUIVO	- 64

---

EMPRÉSTIMOS DE LIVROS	- 861
OBRAS CONSULTADAS	- 1725
BUSCAS NO ARQUIVO	- 38

# ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

## “A PRESENÇA CULTURAL DA ALEMANHA NO BRASIL” *de Lausimar Laus - Editora Lunardelli - 1976*

Temos em mãos um livro pequeno, mas de grande conteúdo. Lausimar Laus, que nos deu recentemente o romance “O Guarda-Roupa Alemão”, editado pela “Pallas”, aparece agora com este ensaio, abordando a colaboração dada pelos germânicos ao desenvolvimento cultural brasileiro.

Muito se fala no progresso que teve a região sul do Brasil, graças à influência européia. Mas pouco se tem divulgado sobre as pessoas que exerceram esta influência.

Lausimar Laus aborda este tema. E o faz com bastante autoridade. Nascida em Santa Catarina, tendo vivido por vários anos em Blumenau, ela tem condições sobejas para dar um depoimento sincero.

E este depoimento surge espontâneo, nas quarenta e poucas páginas do livro que Lunardelli editou.

Além de falar daquilo que ela tão bem conhece, a presença alemã na sua terra, Lausimar Laus enfoca também, embora com mais superficialidade, a presença germânica em Nova Friburgo, São Paulo, Rio, São Leopoldo, Petrópolis.

Na apresentação do livro, (dizendo, aliás, que Lausimar não precisa de apresentação), R. Magalhães Júnior aponta algumas omissões de nomes ilustres, germânicos, que muito contribuíram para o aprimoramento da cultura brasileira.

A própria Lausimar reconhece que o livro foi feito com muito amor. Como ela escreve, “Este livro foi feito com amor. Amor a Santa Catarina, minhas profundas e deliciosas raízes. Amor ao Brasil e à Alemanha de meus antepassados, cujos costumes tão bem conheci, em cuja disciplina me forjei, quer no trabalho e no estudo, sem medos e sem problemas para enfrentar os obstáculos na grande cidade que me acolheu e compreendeu, ainda muito jovem: o nosso Rio de Janeiro”.

E justificando a omissão de tantos nomes famosos, inclusive os apontados por Raymundo Magalhães Júnior, ela esclarece que o presente ensaio, feito para participar do Concurso Thomas Mann, não poderia comportar mais que 50 laudas. Mas Lausimar promete dar continuidade ao trabalho. E nós ficamos aguardando.



# A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

O reduto se tornara uma potência. As armas negociadas por couros de boi e outros bens tiveram entrada franca. Passaram então a extorquir a ração, o gado, os cavalos de que precisavam para manter-se.

Quando construíram a igreja as mulheres rezavam na nave e os homens respondiam de fora porque o espaço era pequeno. Depois da reza havia exercício de tiro para defesa em caso de ataque. Uns saíam para trabalhar, outros para caçar e outros ainda para escaramuças. O que interessava mais era adquirir gado para que não faltasse alimento.

E quando a noite descia todos deviam rezar novamente. Nunca pude me conformar com estas orações. Depois de um dia cheio de latrocínios, extorsões e mesmo assassinios, como podiam rezar. Inconformado nunca me manifestei.

E veio o pior. Rebentou a epidemia do tifo. Ah! meus amigos, aquilo foi um tormento. O pessoal ardia em febre. Eram cozidos chás. Eram tratados dia e noite, mas no fim do terceiro dia já apareceu o primeiro cadáver. Dia e noite o pessoal com saúde lutava contra essa doença tremenda. Tratamento de toda espécie. Alguns benziam o ar. Benziam o doente. Esconjuravam o diabo. Naquela ignorância crassa, tentavam a cura. Morreram cerca de quarenta pessoas. Creio que a epidemia acabou cansada de ser epidemia. Quando terminou a febre me vi a sós no mundo. Pai, mãe e irmãos todos haviam sido ceifados pelo mal. Nos primeiros dias não liguei muito ficava com os outros no acampamento. Forçoso era sair, caçar e arranjar comida para mim e para os outros. Ao voltar ninguém me esperava para receber o fruto da caçada, as pitangas, as uvaías e outras frutas silvestres que era a alegria dos meus irmãos. A saudade desceu sobre o coração. Na minha choça entrou outro casal. Lamento hoje que meus pais que tanto gostariam de ter um lar de seu, tivessem que partir tão cedo, quando hoje poderiam ter tudo. A bênção deles caiu sobre mim que possuo tudo. Deus os tenha em bom lugar.

— Tempos duros esses, quando vai terminar essa guerra sem glória? indagou pensativo Neco Batista.

— Creio que não está longe o dia. Soube que um tal General Setembrino cercou o reduto e ninguém pode entrar nem sair de lá. Além disso três colunas de soldados marcham contra os rebeldes.

— Pelos modos as colunas não estão em bom lugar, após na semana passada na fazenda Santos Oliveira ainda foi surripiado umas reses.

— Talvez seja o último, porque creio que a tropa conhecedora do terreno vá apertando o cerco para vencer em definitivo a resistência do chefe Adeodato, concluiu Nestor e olhando em volta acrescentou: Já é tarde vamos de encontro ao beliche.

Todos se levantaram e se despediram com um boa noite melancólico. Nada se pressagiava de bom naqueles dias cheios de rumores e notícias desencontradas.

x x x

Em sua pregação o profeta afirmava que em caso de luta todos ressuscitariam e teriam a glória nesta terra. Continuaram a fortificar-se a ponto de, segundo Zé Maria, não haver no mundo quem os pudesse vencer. As balas não atingiriam aqueles que trouxessem certos amuletos. Dentro do reduto havia fartura à custa de extorsões e mesmo mortes. Essas eram negadas. Quem iria investigar aqueles fundões? Nesses dias ainda plantavam muito para o seu sustento. Quem não estava de acordo era arrastado para dentro do reduto e devia conformar-se com aquele gênero de vida. Alguns com risco de vida puderam escapar e estabelecer-se longe dali.

Diante dessa falta de segurança o povo apelou para o governo. As autoridades passaram a investigar se havia fundamento no clamor público. Da pesquisa resultou que a revolta do Contestado era apenas uma insurreição de sertanejos espoliados de suas propriedades, de seus direitos, de sua segurança. Toda questão se desfaria com um pouco de instrução e suficiente justiça, como um duplo produto que ela era da violência que revolta a ignorância que não sabe outro meio de defender o seu direito.

Afirmava o capitão Matos Costa que toda a revolta dos sertanejos era por culpa dos coronéis que vendiam terrenos e quando quase pagos, expulsavam os compradores. Diferente, mas que vinha a dar no mesmo, procedia a Lumber Company. Comprava grandes áreas de pinherais e os posseiros eram simplesmente enxotados.

O ódio era tal que o pessoal da Lumber Company em suas andanças repentinamente se via cercado e ou se salvava a muito custo ou morria vítima de sua crueldade. Na campanha de pacificação houve comandantes de reduto que entregaram por escrito aos pacificadores uma lista de nomes dos coronéis que deviam morrer. Eram eles Arthur de Paula, Fabrício Vieira, Francisco de Albuquerque (Chiquinho) e outros, que ao sentir de onde soprava o vento, mudaram de residência, atravessando a fronteira.

Matos Costa levou a queixa ao Rio de Janeiro. Como geralmente acontece ninguém lhe deu ouvidos. Matar como sempre foi e será é muito mais fácil do que fazer justiça social. É mais fácil comprar ou fabricar armas do que educar. Enxotar, espoliar muito mais fácil que fazer justiça individual. A coisa ficou no espoliar e matar. Essa falta de justiça custou cerca de 20.000 vidas.

Dentro do reduto a finalidade não era somente pedir justiça, mas implantar a monarquia como lei do céu e desprezar a República como lei do diabo. Tinha sua razão de ser, porquanto da República nada recebiam

e eram enxotados pelos poderosos. Um fanático pouco antes de ser morto assim se expressou: "A monarquia é coisa do céu". Outro aprisionado perto de Perdizes Grandes declarou que sempre matara os "peludos" para conseguir a monarquia que era a grande lei do José Maria. Outro ainda afirmava: "A monarquia é a grande lei".

Era esta a maneira de dizer "não" à República, regime em cujas leis e instituições se apoiavam os coronéis e as companhias estrangeiras para lhes assaltarem as terras. O caráter místico dessa ideologia não era compreendido como "coisa do céu" a concretizar-se no além, muito ao contrário, lutavam para que se efetuassem logo neste mundo. De modo geral afirmavam que durante o Império não havia violências e as terras; cada caboclo podia requerê-las para si.

A tendência também não era de voltar atrás aos tempos passados. A monarquia que pretendiam era a lei de José Maria. Tinha caráter sagrado. Era a lei de Deus, e estava destinada a substituir o regime existente e detestado por eles (lei do diabo). Havia contudo aqueles que realmente acreditavam e esperavam a restauração da monarquia tal qual fora no tempo do Império. Por outro lado não eram só eles. Muitos literatos e homens públicos morreram monarquistas sem nunca se conformar com o regime republicano.

Como fanáticos os primeiros queriam implantar uma ordem nova e a idéia de monarquia se prestava para distinguir o que queriam do detestado regime do qual estavam participando mas contra o qual estavam em guerra.

Matos Costa, o Capitão humanitário, conversara com eles e tentara uma solução levando as suas reivindicações ao Governo Central.

Ao voltar foi aconselhado a não se aproximar. Ele que conversara com eles quis levar-lhes em pessoa o resultado de seu esforço. Não teve receio e desprezou o conselho. Acompanhado de seus soldados e americanos da Lumber Company, deixaram os vagões da São Paulo-Rio Grande e dirigiram-se a pé para o acampamento dos jagunços.

O Capitão Matos Costa havia dado ordens aos homens dos vagões que lhes dessem cobertura, caso fossem atacados.

Os fanáticos, no entanto, desconhecaram o Capitão e abriram fogo contra a coluna. Esta tentou refugiar-se nos vagões. Estes por seu turno haviam desaparecido, temendo a violenta fuzilaria. Só restou ao Capitão e sua tropa a fuga para dentro do mato inóspito, repleto de perigos e emboscadas. Os americanos chegaram dias depois, famintos e estropiados, ao casebre de um caçara, que esquecendo rancores os conduziu até a estação do trem. Matos Costa e muitos soldados morreram na refrega.

O reduto do Irani fora atacado e o profeta José Maria foi encontrado entre os cadáveres. Como é óbvio de ressurreição nem sombra. Os chefes restantes arrebanharam o que puderam e fortificaram-se em Taquaruçu. Continuando as mesmas tropelias e roubalheiras não demorou que fossem rechaçados pelas forças governistas. Também essa derrota não foi o fim. Retiraram-se para Caraguatá e prosseguiram nos seus atos de vandalismo.

Todo movimento jagunço tinha seu fundamento no messianismo dos profetas que, por primeiro, exploraram a boa fé do povo sofrido e o congregaram em redutos. Isso exigia certa tática, habilidade e mística, qualidades essas em destaque nos monges. Desde os primeiros dias o movimento também apoiava-se no coronelismo, detestado por sua exploração econômica e dominação política. Este fato contava desde os primórdios do jaguncismo, porquanto o Capitão Matos Costa, vítima deles, já o tachava de "baixa e repelente politicagem das competições pessoais". A realidade deste fato era confirmada pela exigência dos chefes jagunços. Exigiam a derrubada dos coronéis mais odiados e não do coronelismo em geral. É que entre os coronéis os jagunços contavam aliados.

Tão fortes ainda se achavam, apesar das contínuas derrotas que os coronéis, os quais os combatiam, sentiam-se fracos e só com auxílio do exército é que podiam contar com forças suficientes para dominá-los. Os fanáticos por seu turno, em suas tentativas de expansão, respeitavam aqueles que lhes eram simpatizantes. Destes aceitavam contribuições mais ou menos obrigatórias. Houve casos em que exigiram demasiado do fazendeiro contribuinte. Aqueles vendo-se em palpos de aranha, juntavam o que podiam carregar e sumiam da noite para o dia rumo a fronteira do Rio Grande onde melhores ventos sopravam, visto que negar-se a contribuir para o jaguncismo significava prisão, chicote quando não morte.

Enquanto conseguiam roubar gado e depredar roças reinava a fatura no acampamento, quando rechaçados pelas forças governistas ou mesmo por ex-jagunços, a fome invadia o reduto.

A Nestor até ali nada acontecera, porque fanático ele mesmo, conhecia-lhe sobejamente as tramas. Sabia de suas táticas sutis no mato, pois partilhara de algumas escaramuças e só poderia perder no caso de ser mais fraco.

Acontece que nos dias em que a última chusma se preparava para assaltar-lhe a Estância, as forças governistas atacaram o reduto. O primeiro "piquete" contudo saíra na véspera e os outros dois deviam sair no dia seguinte.

Entrementes o Capitão Euclides de Castro subira a serra do Lucindo, em lá chegando dividiu a força em dois grupos e atacou a turma às sete horas da manhã durante a reza.

Ladislau Fernandes, um bravo chefe civil, contratara vários ex-jagunços como vaqueanos para guiarem as forças que levaram ao inesperado ataque. Tão inopinada atacados e crendo tratar-se de forças comandadas pelo Capitão Vieira da Rosa, que já lhes inflingira pesadas baixas em várias escaramuças, deram uns poucos tiros e debandaram. Ao meio-dia o Capitão Euclides de Castro penetrava no reduto e diz o cronista que mil casinholas foram queimadas, arrebanhados 180 cavalos, 80 selas, 400 armas e 30 contos em dinheiro. Havia neste reduto vários monjolos para produção de farinha de milho bem como os tachos de cobre onde as secavam.

Um monge "Frei Manuel" foi morto na refrega. Sepultado pelos soldados, foi desenterrado por um grupo que voltou ao lugar. Este grupo foi aprisionado por um "piquete" de paisanos do capitão que os passaram nas armas. Estava liquidado Caraguatá. O Capitão dirigiu suas forças

contra o reduto de Boi Preto ou Poço Preto. Ali foram aprisionados após forte resistência, 41 jagunços, 50 mulheres e 51 crianças.

Restava o Santa Maria. Reduto onde se cometeram as maiores atrocidades, desde o fuzilamento até o empalamento de soldados que desgraçadamente lhes caíam nas mãos.

Este reduto considerado por eles inexpugnável deu realmente dor de cabeça e exigiu das tropas e seus comandantes o máximo de tática e estratégia.

Sempre com esperança de salvar a Estância, Nestor pensou e repensou o caso. Com Neco Batista montou a defesa. Todavia seus planos não levaram à parte nenhuma. Fugir, deixar tudo, seria covardia, seria abandonar anos de persistente labor. Elisa não concordava em relegar ao abandono o rincão onde Nestor tão bravamente lutara, para merecê-la, segundo ele. Precisamente agora devia demonstrar que era um forte. Aos que o aconselhavam a deixar o rincão amado ele retrucava que tantos fazendeiros também tinham batalhado, levantando suas fazendas, para não cair nas mãos dos fanáticos, haviam concordado com eles, levando-lhes contribuições em gado e mercadorias da lavoura. Entretanto as contribuições ultrapassaram as raias do exagero e eles para não caírem nas malhas da malta, desapareciam da noite para o dia, ganhando a fronteira, onde melhores ventos soprassem. Seu caso, porém, era diferente. Aqui não viriam pedir contribuições. Primeiro, porque ele jamais concordaria em sustentar aquela corja. Segundo, porque ele mantinha acorrentado um elemento precioso para suas sortidas e especulações.

Alerta com vigias e espíões, Nestor ficou esperando o "piquete" que viria dar-lhe caça. Como não aparecesse, supunha que tivessem sido surpreendidos por uma volante dos capitães. Ao que se sabia Santa Maria estava bem guarnecida.

Todavia os trabalhos da Estância seguiam o seu ritmo. Novas roças foram plantadas. O gado novo estava sendo marcado. Labor de rotina. Nestor vendera gado para as forças militares e apurara bons cobres.

Seus peões apresentavam-se bem. Cada um possuía algo de seu. Muitos mesmo que por contrato com o patrão tinham de quatro crias uma, estavam para começar a vida, quando se deu a catástrofe.

x x x

Um ano se perdera na voragem do tempo. Neco Batista não arre-dava o pé da Estância e dirigia os trabalhos de acordo com as exigências do dia a dia. No entanto, se na Estância tudo parecia calmo os jagunços não dormiam. Deslocaram-se e vencendo a resistência que encontraram, incendiaram a vila de Curitiba e por uns três dias praticaram selvagerias na vila. O perigo era grande e mais essa ousadia dos bandoleiros foi a sua ruína. Definitivamente as tropas não cessariam suas buscas, seus ataques, seus assédios enquanto o último jagunço não estivesse morto ou vendo o sol nascer quadrado.

Entrementes as tropas militares cercaram o reduto Santa Maria. Cessaram os roubos e assaltos. As forças foram se aproximando. Cada dia trazia novas baixas. Do alto das imbuías, das corolas dos pinheiros certos tiros apagavam os soldados. A tropa não esmorecia e continuava avançando, apertando o cerco. Finalmente o Capitão Potiguara conseguiu firmar o pé e sob as ordens do General Setembrino de Carvalho destroçar o perigoso reduto.

Uma testemunha deste último ataque ao reduto narra o seguinte:

"Depois de vários dias de luta finalmente no sábado de Aleluia pela manhã o Capitão Potiguara levantou o bivaque do reduto do Aleixo para a sua última sortida. No cemitério do reduto estava postada a guarda dos jagunços. O Capitão manda atacar e a guarda é rechaçada. No desfiladeiro "Cova da Morte" novamente a tropa se vê atacada por todos os lados. Enquanto os da frente tentam abrir caminho, a retaguarda é atacada pelos jagunços. Quatro soldados caem feridos e são mortos a talhos de facão. Morrem alguns animais do comboio. As metralhadoras abrem fogo para frente e para os lados.

Após uma luta que durou três horas, os jagunços tendo perdido quase cem homens retiram-se para os matos. A tropa perdeu seus dezoito homens, fora os feridos. Queimam-se 46 casebres e a igreja desta guarda. Não havia mais resistência a vencer e à tarde, após dez dias de marcha e oito combates sucessivos, estava dominado o reduto. Os jagunços estavam derrotados mas não estavam vencidos. Consolador era que todos os redutos estavam reduzidos a cinzas.

Para surpresa das tropas, os jagunços retornaram numa noite e abriram violenta fuzilaria. As tropas se defenderam como puderam atrás de pinheiros e grossas imbuías. Caíram vários soldados feridos, tão vivo era o fogo. Um médico ao curar um ferido, caiu varado por uma bala e veio a falecer na tarde do dia seguinte. O hospital de emergência foi o mais visado. Não fosse uma trincheira protegida por homens armados de metralhadoras, eles teriam penetrado no reduto e seria o fim da tropa. Pela manhã alguns soldados tentaram entrar no mato e morreram a talhos de facão. De certo modo o Capitão Potiguara com suas tropas está cercado. Mas uma coluna abre caminho e é recebida com grande festa. Com a chegada desta os jagunços desistem da resistência e do assédio. Está derrotada a jagunçada. Santa Maria estava no fim, mas os fanáticos ainda não".

Nestor perguntou ao peão que assistira de longe a batalha final, encarapitado no alto de uma imbuía.

— Para onde foi o resto dessa canalha agora?

— Não tenho boa informação, mas pelo que pude saber eles subiram para as bandas de Campo Alto. O que não pude acreditar é que as forças do Governo estão indo embora.

— Não pode ser, exclamou Nestor, tirando o chapéu e batendo com ele nas pernas. Se eles estão se retirando, os jagunços voltam a fortificar-se em algum outro local. Se essa corja se firma, adeus Estância das Araucárias. É só o Exército virar as costas e os jagunços recomeçarão a roubalheira do gado e a prisão dos fazendeiros. O diado é que agora estão muito mais perto.

— Há sempre uma esperança, disse o peão — um certo Capitão Vieira da Rosa jurou não descansar enquanto não houvesse vencido em definitivo toda jagunçada.

— Seja. Mas até que isso aconteça teremos de nos fortificar e ficar sempre alerta, para não sermos colhidos de surpresa. Já tivemos nossas refregas e alguns já dormem nestes campos. E a vingança dos outros, por certo, não se faz esperar, concluiu Nestor.

#### CAPÍTULO XIV

Certa manhã, um espião chegou a toda brida e comunicou ao es-

tanceiro que um "piquete" marchava para o sul. Nestor procurou descobrir como fariam para atacar, mas em achar uma solução plausível, pôs de lado as suposições e tratou de preparar a própria defesa. De repente, teve como que um estalo. E decidiu que este seria o meio mais prático. Perderia a Estância, mas não perderia um só homem. De dia não atacarão, dizia com seus botões, apanharam o bastante para saber que a defesa estava à altura. Satisfeito com a esplêndida idéia que lhe brotara do cérebro, dispôs-se a ajeitar as coisas para que tudo desse certo. Combinou com Elisa e os filhos de Bertulina que todos passariam a noite no mato, pois que esperava com absoluta certeza que o ataque não passaria desta noite.

A mesma resolução foi comunicada a Neco Batista e aos peões.

Todos acolheram silenciosos as ordens do chefe, sem compreender o que realmente estava em jogo. Para eles devia haver luta e sobretudo mandar para o inferno o maior número possível de facinoras. Nestor era do mesmo parecer, mas que eles se matassem. E conduziu seus homens de tal modo que a decisão não falhasse. Ele, Nestor daria o primeiro tiro, só então eles teriam permissão para atirar.

— Estamos em guerra, falou, exijo que as ordens sejam cumpridas. Quem não estiver de acordo, saia já, do contrário passe para o meu lado. Como um só homem todos formaram a seu lado. Preparem suas armas e estejam prontos na hora do aviso. Soltem o gado e até aquela hora estão livres. Repito: - Preparem-se.

Na casa grande Elisa e Bertulina faziam orações diante de uma imagem da Virgem pedindo proteção. Uma vela, simbolo da fé, ardia ante a estatueta da Santa. Nestor aproximou-se e ordenou que nada levassem para que em caso de fuga não houvesse impecilhos.

Fora as sentinelas vigiavam para que não ocorresse o caso de alguém estar lhes vigiando os passos. Elas se colocaram de modo a permanecerem fora do alcance das balas.

Ao cair da tarde, uma tarde melancólica, um céu de chumbo debruçava-se sobre o sertão. Tropilhas de gado, alheias ao acontecimento, pastavam tranqüilamente nas várzeas e encostas. Um rebanho de ovelhas se encaminhava para o redil.

O estancieiro olhava tudo aquilo com ânimo oprimido. Chegara realmente o dia em que ele se via obrigado pelas circunstâncias de uma guerra sem glória a perder tudo o que lhe custara tanta persistência e sacrifício. Seus homens olhavam sem compreender.

Se ele não se explicava, eles jamais iriam perguntar porque tomara tal medida em vez de atacar diretamente. Só de noite é que acordaram para a tática do chefe. Sua estima por aqueles homens rudes era tanta que possivelmente não iria sacrificar nenhum.

A floresta cantante já não despertaria para ele. Os altos pinheiros debulhariam pinhas para outros donos. O gado sem dono sumiria dos campos, roubado ou tornar-se-ia selvagem novamente. Que fazer? Aceitar o destino ingrato?! Ele seria, porventura melhor que os outros, os quais tiveram de abandonar tudo...

Pelo fim da tarde deu ordens aos seus homens para se entrincheirarem no boqueirão e ficassem em silêncio. Levou as mulheres e os filhos de Bertulina para um local pouco distante da trilha e recomendou que permanecessem silenciosas, acontecesse o que tivesse de acontecer.

Chamou dois de seus mais fiéis homens com Neco Batista e segredou: — Amarrem o "rastreador", amordacem-no e enforcuem-no na trave do monjolo.

Ele com seus gritos seria o primeiro a nos denunciar. Matar em legítima defesa não é crime. O infeliz ainda quis lutar contra os homens, mas subjugado, foi amordaçado para não despertar suspeita nas mulheres. Passada a corda na trave do monjolo penduraram o infausto "rastreador" que nunca pudera voltar ao reduto para contar a história da morte de Cabrijo.

Elisa no esconderijo chorava. As lágrimas desciam-lhe quais pérolas cristalinas pela face rosada. Bertulina soluçava. Os filhos ainda jovens nada compreendiam daqueles preparativos insólitos.

Neco com os dois homens retornaram e tomaram o lugar indicado por Nestor.

Mais calma agora Elisa repassava na memória os dias tão felizes que vivera na Estância. Bom é que o homem não possa desvendar o futuro. Se ela pudesse perscrutar o estado da casa no dia seguinte após aquela noite de horrores, talvez um colapso a matasse. Deixou-se ficar imóvel no seu mutismo constrangido.

Os cães açaimados foram levados por dois peões para local distante no fundo do boqueirão. Restava esperar pelo que havia de vir.

O chefe, um tal de Joel Barbosa dividiu o "piquete", uns cem homens, em três. Uma coluna avançaria pela fazenda de frente, outra avançaria do sul e a terceira do lado do norte. Marcados os lugares até onde deviam marchar para rumarem para a estância, pôs em marcha com seus sanguinários sequazes.

Ignora-se porque seu plano não deu certo. Joel Silveira chegou à casa da estância pelas dez horas da noite. Estranharam o silêncio. Conclusão lógica: Todos dormiam. Como os homens que marchavam do sul e do norte demorassem, decidiram invadir a propriedade. Até ali, tal qual Nestor premeditara.

Cauteloso Joel mandou dois homens sondar a casa. Pelo que puderam apurar não havia ninguém. Temendo uma cilada ordenou uma busca nos arredores, nada encontraram.

— Mau sinal, disse o chefe. Nisso um galo indiscreto cantou fora de hora dentro da noite. Alguns jagunços tremeram.

— Se a galinhada está, os donos também estão, concluiu Joel. Vamos lá. Mandou um tiro na casa e não esperou. O "piquete" avançou, rompeu a tranca da porta. Entraram e não achando ninguém passaram a quebrar tudo. O que não quebrava era rasgado. A louça caía aos pedaços. Bancos e mesas foram quebrados num vozerio ensurdecedor. Na calada da noite a algazarra parecia maior. A turba assemelhava-se a um bando de fugitivos do inferno, gritos, ruídos... Quando as coisas iam nesse pandemônio de triunfo aparente do mal, Nestor ordenou:

— Fogo!

Uma saraivada de balas pegou desprevenidos os jagunços e julgando-se atacados abriram fogo de dentro de casa, no momento exato que os dois outros "piquetes" iam chegando. Estes julgando-se atacados pelos donos da casa abriram fogo contra a mansão. Os que estavam dentro julgaram estar sendo atacados pelos defensores da fazenda e abriram fogo contra seus próprios comparsas. Com inúmeras baixas e os berros dos fe-

ridos, resolveram por fogo a casa, enquanto carregavam sobre os companheiros matando e ferindo.

Somente quando o fogo iluminou tudo e os currais e a mangueira arderam é que eles puderam ver, os poucos que ainda restavam da tremenda carnificina que haviam travado entre si. Haviã-m-se destruído reciprocamente.

Alguns feridos, dentro de casa, não podendo arrastar-se para fora e sem auxílio dos companheiros, por demais ocupados com feridos de fora, tiveram de morrer carbonizados no meio de gritos lancinantes. Eram muitos os cadáveres.

Os peões quiseram cair por cima dos restantes e procuraram por Nestor e Elisa. Nem ele, nem ela, nem Bertulina com os filhos foram encontrados. Neco Batista também sumira.

Sem chefe, caíram por cima dos restantes jagunços, que não compreendiam essa carga inesperada, nem sabiam donde vinha e o que queriam. Temendo ser as forças do governo deram as de Vila Diogo. O chefe dos jagunços havia perecido nas chamas.

Nada mais tendo para espingardear, os ex-jagunços de Nestor ajuntaram os cadáveres e os atiravam às chamas que levantavam fagulhas para o céu de chumbo.

— Assim não temo o trabaio de enterrã, diziam. Todavia o cheiro de carne queimada os levou para longe do local do massacre.

Tinham a esperança que com o amanhecer aparecessem ainda Nestor e Neco Batista. Sumiram, Aos brados por Nestor apenas o eco das florestas respondia. No local da carnificina, ideada por Nestor e que fez os jagunços cair na própria armadilha, só havia cadáveres, Feridos se os houvera, foram levados pelos fanáticos ou eles mesmos se arrastaram para longe daquele sitio cujo encontro de "piquetes" fora de tão tremendas conseqüências.

Os peões cavaram um fosso enorme e dentro dele encontraram o eterno descanso os facinoras. Talvez seja por isso que o local hoje se denomina Sepultura.

Nestor não suportara a destruição da Estância das Araucárias e deixara tudo como tantos outros antes dele em outras fazendas. Seu único consolo foi que não morrera nenhum de seus homens e os fanáticos haviã-m-se destruídos entre si como ele previra e seus homens só mais tarde compreenderam. Tempos depois Adeodato o chefe fugitivo de Santa Maria foi aprisionado e outros fanáticos caíram nas mãos de Vieira da Rosa que mandou passã-los nas armas. Os demais se entregaram pacificamente e recomeçaram uma vida decente. Outros ganharam outras plagas, com receio de represãlias.

Muito mais tarde soube-se que Nestor Costa se estabelecera em Porto Alegre.

x x x

Seu Maler um ano depois destes acontecimentos subiu a serra para encontrar uma moradia para sua numerosa família. Carregando seus petrechos em muares foi caminhando para o norte. Quando chegou aquele lugar desolado, contudo de boas pastagens e belo panorama, resolveu fixar residência ali. Deparando com o achado macabro, só muito mais tarde soube que o cadáver pendurado na trave do monjolo e que ele enterrara, era o do "rastreador" jagunço que fora uma das causas da ruína da Estância das Araucárias.

# ÍNDICE DO TOMO XVII

	Página
Assuntos Lagunenses — Oswaldo R. Cabral	1
Encerramento do I Congresso de História do Vale do Itajaí - Redação	9
Figuras do Passado — José E. Finardi	12
Resumo do Movimento da Biblioteca 1975 — Redação	15
A Politicagem e o Contestado — C. Gaertner Sobrinho	16
Nova Diretoria do Instituto Histórico — Redação	22
Museu da Família Colonial —	22
Aspectos da Economia Catarinense — Rosemari Griggs	23
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	33
Caixa Postal — Redação — (Capa)	40
Heranças do Folk-lore Universal — A. Seixas Netto	41
Retificação — Redação	44
O Lar em Blumenau — Christine Blumenau (Tradução)	45
Irmãs Franciscanas em Gaspar — Redação	49
Colaboração de Leitores — Redação	50
Diário de um Construtor de Itajaí — (Traduzido do alemão)	51
Figuras do Passado — José E. Finardi	56
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	59
Irmãs Franciscanas em Gaspar — Redação	60
A Política Hervateira em Santa Catarina — Marisa C. de Oliveira	61
Ressalva — Museu da Família Colonial — Redação	75
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	76
Caixa Postal — Redação	80
Pequena História da Colonização de Blumenau — Paulo Malta Ferraz	81
As Armas do Município de Rodeio — Edison Mueller	97
Biblioteca Ambulante em Blumenau — Redação	101
Figuras do Passado — José E. Finardi	102
Movimento da Biblioteca "Dr. Fritz Müller" — Redação	104
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	105
Caixa Postal — Redação	120
Pequena História da Colonização de Blumenau — Paulo Malta Ferraz	121
Ar Armas de Rio dos Cedros — Edison Mueller	137
Movimento do Museu da Família Colonial — Redação	141
Figuras do Passado — José E. Finardi	142
Subsídios à Crônica da Colônia de Blumenau — Frederico Kilian	143
Blumenau em Cadernos na Assembléia Legislativa — Redação	146
Blumenau em Cadernos em Vitória — Christiano Ferreira Fraga	147
Camboriú Significa Criadouro de Robalo — Pe. Raulino Reitz	149
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	150
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	151
Caixa Postal — Redação	160
Pequena História da Colonização de Blumenau — Paulo Malta Ferraz	161
Carl Constantin Knueppel — Elly Herkenhoff	177
Homenagem a Otto Stutzer — Frederico Kilian	181
Diário de um Construtor de Itajaí — Clichê	182
Um Topônimo — Carlos Gaertner Sobrinho	184

A Propósito de uma carta sobre a Fundação de Blumenau — Edison D'Ávila	186
Genealogia — Jean R. Rul	188
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	190
Figuras do Passado — José E. Finardi	192
Heranças do Folk-Lore Universal — A. Seixas Netto	194
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	196
Subsídios à Crônica da Colônia de Blumenau em suas Primeiras Décadas — Frederico Kilian	205
Genealogia — Jean R. Rul	230
Pequena História da Colonização de Blumenau — Paulo Malta Ferraz	233
As Enchentes no Vale do Itajaí — A. Seixas Netto	250
Quem foram realmente os primeiros Imigrantes... — Frederico Kilian	251
Figuras do Passado — José E. Finardi	254
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	256
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	258
Caixa Postal — Redação	268
Pequena História da Colonização de Blumenau — Paulo Malta Ferraz	269
A propósito de uma carta sobre a fundação de Blumenau — Jean R. Rul	276
Figuras do Passado — José E. Finardi	282
Heranças do Folk-Lore Universal — A. Seixas Netto	284
A Bitruca — Carlos Gaertner Sobrinho	287
Saudosas Recordações de um Grupo de Imigrantes - Pe. Victor Vicenzi	289
O Ensino Particular em Blumenau — Redação	290
Genealogia — Jean R. Rul	291
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	294
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	296
Camboriú ou Cambariguassu — Ernesto Stodieck Jr.	305
Os Fundadores de Blumenau — Adolfo Bernardo Schneider	307
Genealogia — Jean R. Rul	320
Os Italianos no Município de Blumenau — Pe. Victor Vicenzi	329
Figuras do Passado — José E. Finardi	332
Tecelagem Kuehnrich S/A. - 50 anos — Redação	334
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	335
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	337
O Dr. Blumenau e seus filhos — Jean R. Rul	345
Cel. Pedro Christiano Feddersen — Frederico Kilian	347
Bodas de Ouro Ernesto e Catarina Kaestner — Redação	353
O Bairro Rural — Carlos Gaertner Sobrinho	354
Heranças do Folk-Lore Universal — A. Seixas Netto	358
Figuras do Passado — José E. Finardi	360
A Colonização de Acurra e o Dr. Oswaldo R. Cabral — Redação	362
As Primitivas Casas e a Origem dos Tijolos — Pe. Victor Vicenzi	363
Genealogia — Jean R. Rul	365
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	372
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	374
Parque Estadual da Serra do Tabuleiro — Pe. Raulino Reitz	381
Falecimento - Carlos Gaertner Sobrinho — Redação	384

	Página
Documento do Professor da Escola de Rio dos Cedros — Pe. Victor Vicenzi	385
Associação Comercial e Industrial de Blumenau — Redação	388
O Clima do Vale do Itajaí — A. Seixas Netto	392
Aconteceu em Brusque há 100 anos — Ayres Gevaerd	398
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	402
Comunicações — Nestor Seara Heusi	417
Genealogia — Jean R. Rul	422
História da Sociedade de Rio dos Cedros — Pe. Victor Vicenzi	430
Padrões Médios Estacionais do Clima — A. Seixas Netto	432
História e Consciência Nacional — Celestino Sachet	434
Educação e Sociedades Tribais — Afonso Imhof	438
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	439
Inaugurada a Ponte do Anel Viário Norte — Redação	440
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	441
Mais um Ano — Redação	453
O que dizem de nós	454
Conde Alfredo d'Escragnoille Taunay — Frederico Kilian	455
Genealogia — Jean R. Rul	457
A Marcante Evolução Social — Nemésio Heusi	465
Notas Locais — "Blumenauer Zeitung" - 1883	466
Heranças do Folk-lore Universal — A. Seixas Netto	467
Notas Locais — "Blumenauer Zeitung" - 1883	468
O Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí — Frederico Kilian	469
Notas Locais — "Blumenauer Zeitung" - 1882	472
A Atualidade de uma Ciência Antiga — Elly Herkenhoff	473
Notas Locais — "Blumenauer Zeitung" - 1882	474
Desaparece uma História Viva — Pe. Victor Vicenzi	475
Movimento do Museu e Biblioteca	478
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	479
A Estância das Araucárias — Evaldo Trierweiler	480
Índice do Tomo XVII	489
Relação das Obras Editadas pela Fundação	492

**Relação das obras editadas pela**  
**Fundação “Casa Dr. Blumenau”**  
**e**  
**“Blumenau em Cadernos”**

- Charles Van Lede e a Colonização Belga em Santa Catarina*  
CARLOS FICKER
- Sentido Catarinense e Brasileiro de Fritz Müller*  
EVALDO PAULI
- O Esquecido Tradutor de Um Livro Raro*  
Prof. OSWALDO R. CABRAL
- Atos constitucionais da Fundação “Casa Dr. Blumenau”*  
Otaviano Ramos — J. FERREIRA DA SILVA
- Ligeiro Histórico e Catálogo do Museu da Família Colonial*  
Revivendo o Irmão Joaquim — Prof. OSWALDO R. CABRAL
- A Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina*  
ELZEÁRIO SCHMITT C. F. M.
- As Terras no Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond*  
J. FERREIRA DA SILVA
- Blumenau na História Militar Brasileira*  
Tnte. Cel. HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN
- Blumenau e a Revolução de 1895 — JOSÉ DEEKE*
- Índigenas do Vale do Itajaí — JOSÉ DEEKE*
- As Enchentes no Vale do Itajaí — J. FERREIRA DA SILVA*
- Os Pecados Imortais (Poesias) — GERALDO LUZ*
- A “Modernização” e as Elites Emergentes: A Contribuição Alemã*  
WALTER F. PIAZZA.
- História de Rio dos Cedros — Pe. VICTOR VICENZI*
- As Enchentes no Vale do Itajaí — A. SEIXAS NETTO*
- Assuntos Lagunenses — OSWALDO R. CABRAL*
- Pequena História da Colonização de Blumenau*  
PAULO MALTA FERRAZ

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

---

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

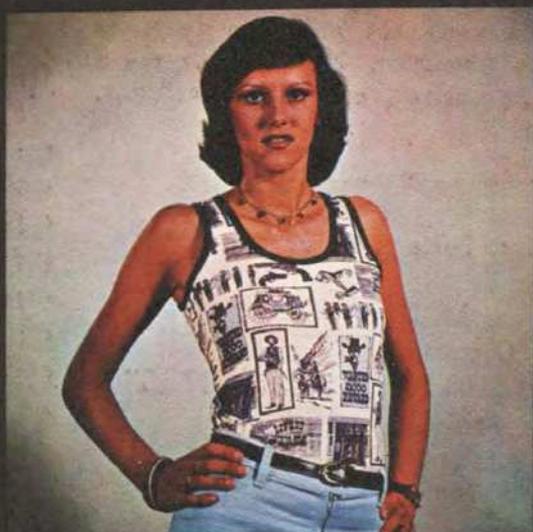
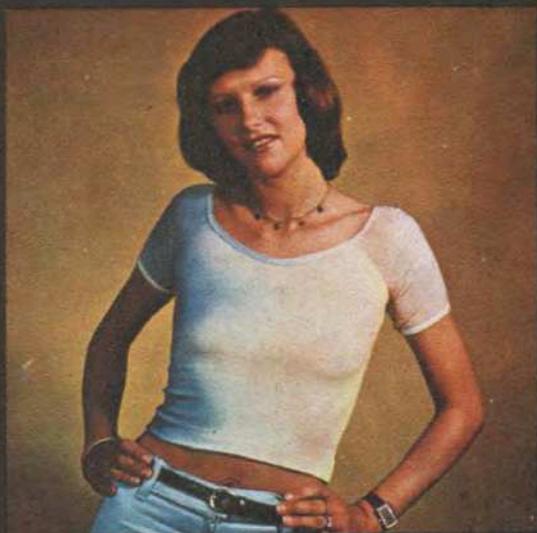
*Edison Mueller* - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

*Isolde Hering d'Amaral* — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

# HERING NO ANO TODO



As Malhas Hering são coloridas e alegres como a primavera. Flexíveis, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão...

Cortes perfeitos, em todos os tamanhos, afastam o tédio e a tristeza dos dias outonais...

De puro algodão com fio

penteados, aquecem carinhosamente no inverno.

Passo o ano todo com Malhas Hering...

 **malhas Hering**  
A malha jovem.

